

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO – ESAT
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

AMANDA CAROLINE MOTA DE SOUZA

A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE TEATRO SEGUNDO UM PROFESSOR, UM
GESTOR, ALUNOS E PAIS

MANAUS – AM

2017

AMANDA CAROLINE MOTA DE SOUZA

A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE TEATRO SEGUNDO UM PROFESSOR, UM
GESTOR, ALUNOS E PAIS

Monografia apresentada para conclusão do Curso de
Licenciatura em Teatro da Universidade do Estado do
Amazonas.

Profª Dra. Caroline Caregnato

MANAUS

2017

Este trabalho é dedicado ao
Théo Arbona-Oliver Mota, que desde
2015 me inspira a continuar sempre.
Te amo filho!

E ao querido amigo Iago Lunière que
muito contribuiu na minha caminhada até
aqui.
Saudades amigo!

AGRADECIMENTOS

Agradeço minha mãe Helliude, heroína que me deu apoio e incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço.

Aos meus irmãos, Joisse e Max, que fizeram de mim uma pessoa melhor.

Ao Mateus, que me deu apoio e força enquanto caminhávamos juntos e que me deu o meu bem mais precioso, Théó.

À professora Caroline Caregnato, pela orientação, apoio e confiança.

Aos amigos que contribuíram imensamente para este momento, Joice Caster, Fhabyo Ângelo, Junior Victorino, Thiana Colares.

Ao Patrick Konasugawa, que surgiu em minha vida para me ensinar que tudo acontece no tempo certo, que me motivou a nunca desistir e que contribuiu para meu crescimento pessoal nessa caminhada na nossa curta troca de experiências.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

Ah! E se você é um daqueles iniciantes de teatro que tem uma imagem romântica na cabeça do artista boêmio, ultratalentoso e intelectual, que pede pros amigos te ensinarem a fumar e é todo empolgadinho pra sentar numa mesa de bar ouvindo Chico... quero te dizer que mais errado está você, que isso não é critério pra ser artista. Isso se chama estereótipo, imagem de construção social!

Iago Lunière

RESUMO

Esta monografia propõe-se, através da análise de dados, a refletir sobre o que pensa um pequeno grupo formado por um professor, uma gestora, alunos e pais sobre a importância do ensino de Teatro. Para isso foi oferecido um questionário aos participantes, em que os mesmos responderam se acham o ensino de Teatro importante e por quê? A partir das respostas obtidas, criaram-se duas categorias de dados, uma com as respostas dos participantes que negaram a importância e outra com os que reconheceram a importância do ensino de Teatro. Para analisar essas respostas trabalhou-se com autores que pensam sobre a importância do ensino de Arte e do ensino de Teatro no contexto escolar, autores estes que abordam os desafios que o ensino da Arte e do Teatro possuem para se firmarem como disciplinas no âmbito de escola pública da educação formal. A maioria dos participantes reconheceu a importância do ensino de Teatro, porém suas defesas possuem argumentos variados. Esses argumentos se relacionam ao reconhecimento do Teatro como conteúdo específico, ao Teatro como entretenimento, ao Teatro como apoio de socialização e terapia, como apoio de desenvolvimento cognitivo, como mecanismo de caça-talentos e ao Teatro como forma de conhecer a si mesmo e ao mundo. Pesquisas como essa se fazem importantes, principalmente no cenário amazonense, onde este tipo de debate e relatos ainda é escasso.

Palavras-chave: ensino de Arte; ensino de Teatro; Arte como área do conhecimento.

ABSTRACT

This monograph proposes, through data analysis, to reflect on what thinks a small group formed by a teacher, a manager, students and parents on the importance of Theater teaching. For this purpose was a questionnaire given to the participants, in which they answered if they think the teaching of Theater important and why? From the answers obtained, two categories were created, one with the answers of participants who denied the importance and another with those who recognized the importance of Theater teaching. To analyze these answers, we worked with authors who think about the importance of teaching Art and Theater teaching in the school context, authors that address the challenges that the teaching of Art and Theater have to establish themselves as subjects within the scope of public school of formal education. Most participants recognized the importance of theater teaching, but these defenses have varied arguments. These arguments relate to the recognition of the Theater as specific content, to the Theater as entertainment, to the Theater as support of socialization and therapy, as support of cognitive development, as a mechanism of talent scouting and to the Theater as a way of knowing oneself and the world. Research such as this becomes important, especially in the Amazonian scenario, where this type of debate and reporting is still scarce.

Key-words: Art teaching; theater teaching; area of knowledge.

Sumário

| | |
|---|-----------|
| 1 – INTRODUÇÃO | 9 |
| 2 – A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA ARTE | 14 |
| 3 – A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE TEATRO | 25 |
| 4– METODOLOGIA | 32 |
| 4. 1 - Participantes | 32 |
| 4. 2 - Instrumentos..... | 34 |
| 4. 3 - Método de Análise | 35 |
| 5 – RESULTADO E ANÁLISE | 37 |
| 5.1. Negação da importância do ensino de Teatro | 37 |
| 5.1.1. <i>O Teatro prejudica outras disciplinas</i> | 37 |
| 5.1.2. <i>Teatro não é profissão</i> | 38 |
| 5.2. Reconhecimento da importância do ensino de Teatro | 39 |
| 5.2.1. <i>Aprendizagem de conteúdos específicos de Teatro</i> | 39 |
| 5.2.2. <i>Teatro como forma de conhecer a si mesmo e o mundo</i> | 41 |
| 5.2.3. <i>Teatro como apoio de socialização e desenvolvimento pessoal</i> | 43 |
| 5.2.4. <i>Teatro como apoio para o desenvolvimento cognitivo</i> | 46 |
| 5.2.5. <i>Teatro como entretenimento</i> | 47 |
| 5.2.6. <i>Teatro como ferramenta para caça-talentos</i> | 48 |
| 5.3. Análise comparativa | 48 |
| 5.3.1 <i>Geral</i> | 49 |
| 5.3.2 <i>A negação da importância</i> | 49 |
| 5.3.3 <i>O reconhecimento da importância segundo pais e alunos</i> | 50 |
| 5.3.4 <i>O reconhecimento da importância segundo professor e gestor</i> | 51 |
| 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS | 53 |
| REFERÊNCIAS | 55 |
| ANEXOS | 57 |

1 – INTRODUÇÃO

De acordo com Biasoli (1999), no Brasil a partir de 1549, com a chegada dos jesuítas, o teatro foi uma forte ferramenta na catequização dos índios. Através dele e de outras linguagens artísticas, os índios foram manipulados e inseridos no contexto da cultura europeia. Quando o Teatro cumpriu seu propósito, foi destinado somente ao deleite dos nobres. Em 1772 surgiu a escola no Brasil, que a priori era destinada somente aos filhos dos nobres. Estes tinham aula de música, pintura e interpretação com intuito de “incrementar” a educação dos mesmos, pois, os alunos além de apresentarem competência para as profissões “formais”, também deveriam se mostrar cultos, falando eloquentemente e com aptidões artísticas, como tocar um instrumento ou pintar quadros.

Com o passar do tempo, as linguagens artísticas (Teatro, Música, Artes Visuais e Dança) foram sendo inseridas na educação formal dentro da disciplina intitulada Arte¹. Mas isso ocorreu não como acreditamos que deveria, com a Arte sendo considerada como área do conhecimento. Aprovada a partir de 1971 como atividade educativa, Arte era vista geralmente como ferramenta de apoio a outras disciplinas consideradas mais importantes, e por muito tempo não era avaliada na escola. Somente com a LBD de 1996 é que se tornou disciplina obrigatória, incluindo-se as linguagens artísticas como conteúdo, mas ficando a encargo do professor/escola decidir quais linguagens lecionar. Recentemente foi aprovada a Lei 13.278/2016, ainda em processo de implementação, que torna obrigatório o ensino de Música, Artes Visuais e Artes Cênicas dentro da disciplina.

Apesar de hoje a disciplina Arte ser obrigatória, o professor quase sempre não consegue trabalhar todas as linguagens artísticas por falta de tempo ou conhecimento sobre as mesmas. Sendo assim, não é toda escola que possui aulas de Teatro, por exemplo. Desse modo, o ensino de Arte vem sendo negligenciado pelas escolas, utilizado muitas vezes como recreação ou mero suporte do calendário comemorativo escolar quando poderia estar, pelo menos, no mesmo nível de igualdade e importância que as disciplinas de Português e Matemática, por exemplo, que possuem mais carga horária na matriz curricular da escola, que caem nas provas nacionais (Prova Brasil, etc.) e que geralmente não admitem professores sem formação específica para lecionar tais disciplinas. Graças a essa subvalorização do ensino de Arte, precisamos ainda hoje voltar ao debate sobre a importância dessa disciplina dentro da

¹ Arte com letra maiúscula – no sentido de Arte como área do conhecimento.
arte com letra minúscula – no sentido de obra de arte, produto artístico.

escola.

Neste trabalho pretendo ouvir o que um gestor, um professor, alunos e pais de uma escola pensam em relação à importância do ensino de Arte/Teatro. Afim de explicar porque resolvi ouvir essas pessoas nesta pesquisa, faz-se necessário contextualizar a minha experiência com o fazer artístico e docente.

Nos meus primeiros contatos com a prática teatral, a minha família, que até então não havia tido muito contato com fazeres artísticos, mudou significativamente sua visão sobre o mesmo. Eles acreditavam que a prática teatral servia para ocupar meu tempo livre, fazendo com que eu me afastasse dos perigos das ruas, mas também achavam que era completamente inviável seguir carreira nessa profissão que “não dá dinheiro” e que “nem é profissão de verdade”, passando depois de algum tempo a me apoiar no meu engajamento nesse caminho. A ideia da minha mãe naquela época era me afastar das ruas e me proteger de contato com drogas e prostituição. Ela não imaginava que meu envolvimento seria tamanho, ao ponto de escolher o teatro como profissão mais tarde.

Partindo da minha própria experiência, acredito ser importante incluir os pais nesta pesquisa, pois os pais têm uma parcela significativa de influência sobre como seus filhos se relacionam com tudo na vida, logo se esse pai tem uma boa visão sobre arte, isso se refletirá no aluno/filho, assim como as escolhas dos filhos também refletem nos pais, como ocorreu no meu caso. Os pais muitas vezes podem ser o impulso ou empecilho para que um indivíduo venha a ter contato com arte, atribuir importância a ela e escolher determinados caminhos - e existem vários exemplos disso, bons e ruins.

Além do contato com a arte, que pode ocorrer por meio do estímulo dos pais, às vezes muitos alunos tem seu primeiro contato com a Arte na escola. Na minha formação educacional básica a disciplina de Arte quase não existiu. Digo isso porque não me recordo de nenhum trabalho de Arte que tenha sido significativo, e a única professora de Arte de que me recordo, negativamente, é uma figura que reclamava constantemente que estava na sala para cumprir horário, que a formação dela não era aquela, e que somente aplicava teoricamente conteúdos do livro de Arte que, por mais interessantes que fossem, na sua aula tornavam-se maçantes. Hoje compreendo o contexto em que vivia a professora, entendo que existia e ainda existe uma série de fatores negativos que fazem com que o ensino de Arte/Teatro ainda não esteja efetivado de forma competente na educação básica. No caso dessa professora, acredito que a desvalorização da sua profissão, o fato de que era obrigada a lecionar uma disciplina fora da sua competência (aparentemente era o que ela apresentava no seu discurso), mais a

falta de domínio dos conteúdos de Arte contribuiu para a resolução de uma aula infeliz e que não me gerou nenhum aprendizado, não contribuindo assim para o reconhecimento da importância do ensino de Arte. Dito isso, defendo também que o aluno precisa ser ouvido na minha pesquisa, pois ele é o ser para o qual o professor de Arte dedica o seu trabalho e, para saber se este processo está sendo feliz ou não, é necessário ouvi-los. Quem mais, além do aluno pode dar o melhor *feedback* afim de constatar se as aulas cumprem com seu propósito? Por exemplo, as avaliações utilizadas geralmente em finais de semestre podem gerar um parâmetro que aponte essas necessidades de melhorias, mas é preciso pensar essas avaliações visando atender às necessidades de todos os envolvidos dentro da escola.

Um ano depois de concluído meu ensino médio, trabalhando em área administrativa, para sustentar as necessidades financeiras, e trabalhando paralelamente com teatro, como atriz, para sustentar minha necessidade emocional e artística, eu ingressei na Universidade do Estado do Amazonas para o curso de Teatro e, depois de quatro períodos, decidi por me formar em licenciatura. Tive experiências com a docência em projetos de escolas públicas, projetos comunitários, escolas particulares e não menos importante, com o estágio supervisionado cumprido em quatro escolas públicas da educação básica, acompanhando, observando, vivenciando e experimentando processos pedagógicos artísticos nesses espaços, e evidenciando as grandes demandas e desafios que o ensino de Arte/Teatro tem a desenvolver no cenário escolar manauara. Se, por um lado, podemos observar a desvalorização do ensino de Arte, por outro lado, profissionais recém-formados e ingressados no mercado de trabalho estão fazendo suas práticas pedagógicas preocupadas em mudar essa realidade. No estágio supervisionado tive contato com um professor formado em licenciatura em Teatro. Ele desenvolve, na disciplina de Arte na escola pública onde leciona, conteúdos do ensino de Teatro. Sua prática chamou bastante minha atenção por ter o foco somente no Teatro e por se diferenciar das escolas anteriores onde atuei como estagiária, escolas estas onde a disciplina de Arte tinha pouco espaço. Surge, então, o questionamento sobre a prática do professor dentro da sala de aula.

Diante desse cenário apresentado, justifico a necessidade de ouvir esse professor que está desenvolvendo o ensino de Arte/Teatro dentro da educação formal, e enfrentando desafios diários com o sistema educacional, como a falta de espaço entre outras demandas. Esse profissional, além de lutar para melhorias da própria profissão, precisa lutar arduamente, diariamente para evidenciar a importância do seu trabalho, a importância de ensinar Teatro e suas contribuições no âmbito escolar. Esse embate se dá, sobretudo, com a equipe pedagógica

da escola. Faz-se necessário, assim, ouvir também o gestor dessa escola, afim de apurar a sua opinião sobre a importância do ensino de Arte/Teatro e se ele acredita que o ensino de Arte é mais que uma ferramenta para enfeitar a escola em datas comemorativas.

A escola juntamente com seus participantes não terão seus dados identificados nesta pesquisa por questões de ética e conforme prévio acordo. Na parte que compete às citações, serão utilizados nomes fictícios, escolhidos pelos próprios participantes.

A motivação para abordar o tema da importância do ensino de Teatro se dá ainda pelo fato de que o mesmo é pouco ofertado nas escolas de educação básica, dando a impressão que ele não é importante ou significativo dentro da escola. Como estudante de Licenciatura em Teatro, vejo nesse tema uma oportunidade de debater sobre o assunto e tentar mudar essa realidade, uma vez que existem poucos espaços na cidade de Manaus para se pesquisar o ensino de Teatro.

Ainda, pretendo contribuir para a ampliação do referencial teórico que discute a importância do ensino de Teatro, uma vez que essa ampliação é importante principalmente no cenário manauara, onde o assunto é pouco discutido. Já que o ensino de Teatro está ganhando forma nos espaços públicos, é necessário que se fale sobre ele, afim de se contribuir para o ensino do Teatro enquanto área do conhecimento e não apenas entretenimento escolar.

O problema de pesquisa que norteia este trabalho é um único questionamento que interliga as respostas dos sujeitos da pesquisa, que serve de base para explorar os dados coletados. A questão é: o que pensam um gestor, um professor de Teatro, alunos e seus respectivos responsáveis sobre a importância do Ensino de Teatro?

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a importância do ensino de Teatro na educação formal analisando o discurso de um gestor, um professor, seus alunos e pais, e comparando os discursos entre si a fim de verificar se há consonância ou dissonância.

Para a realização desse trabalho busco apoio referencial em autores que dissertam sobre a importância do ensino de Arte e a importância do ensino de Teatro. Por que estudar a importância do ensino de Arte, se esse trabalho é focado sobre o ensino de Teatro? Por que a disciplina ofertada nas escolas públicas é Arte, e Teatro também é Arte. Então quando entendo a importância do ensino de Arte, eu reforço a importância do ensino de Teatro e vice-versa. Desse modo, este trabalho estará dividido em dois capítulos de revisão de literatura. No primeiro será abordada a importância do ensino de Arte fundamentada em autores que pensam

a questão, e no segundo capítulo será abordada a importância do ensino de Teatro, também fundamentada em autores que pensam essa prática. No terceiro capítulo aborda-se a metodologia e tudo que a ela compete, e no quarto capítulo serão abordados os resultados da pesquisa e a análise de dados. No quinto capítulo abordam-se as considerações acerca da pesquisa e seus resultados.

2. A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA ARTE

Este capítulo aborda a importância da Arte e suas implicações no ensino formal. O objetivo de abordar sobre o ensino de Arte é porque ela é a disciplina apresentada na escola que inclui as linguagens Música, Dança Artes Visuais e Teatro, e também pelo fato de que quando compreende-se a importância do ensino de Arte, avança-se na compreensão sobre a importância do ensino de Teatro, que é o principal objetivo desta pesquisa. A seguir apresento alguns autores e seus posicionamentos em relação à importância do ensino de Arte.

De acordo com Barbosa (1985), há duas categorias funcionais que definem o papel da Arte no ensino formal. A primeira é a contextualista, que defende a atenção às necessidades da criança. Estas necessidades podem ser de cunho psicológico ou social. No trabalho focado sobre a primeira necessidade, objetiva-se o desenvolvimento mental, a catarse, o desenvolvimento da criatividade, da percepção, etc. Na segunda, busca-se sanar problemas sociais em que a criança pode estar envolvida, por exemplo, os problemas que vivenciam as crianças vítimas de preconceito. A perspectiva contextualista parte do conhecimento prévio da criança que será objeto da abordagem.

A segunda explicação sobre o papel da Arte na educação é a essencialista, que admite a importância da Arte nela mesma. Segundo Susanne Langer (*apud* BARBOSA, 1985), existem dois sistemas de conhecimento: o discursivo, que corresponde à linguagem verbal e escrita, e o presentacional, que corresponde à Arte, que está ligado à capacidade de abstrair para além do discurso, de expressar literalmente os sentidos.

Para Barbosa (1985), tanto a categoria contextualista quanto a essencialista apresentam alguns perigos. Na abordagem contextualista, um dos perigos é a leitura deturpada dos objetivos do ensino de Arte e a imposição de algumas verdades absolutas, como, por exemplo, defender que a disciplina Arte serve como mero apoio ao calendário comemorativo escolar, que sua função é somente entretenimento ou que ajuda o aluno a perder a timidez. Esses são pressupostos de utilização da Arte como ferramenta, sem aprofundamento da mesma, o que pode tornar a Arte substituível, uma vez que outras atividades que não a Arte podem servir de entretenimento ou, no lugar da “arte-terapia”, pode-se utilizar terapia de grupo ou sessões de psicologia para acabar com a timidez, por exemplo. De outro lado, a abordagem essencialista corre o risco de não levar em consideração o indivíduo e colocar a Arte acima da educação e dos sujeitos que a constituem. O indivíduo não deve ser

desconsiderado, mas o objetivo principal da aula de Arte não deve ser sanar seus problemas sociais ou psicológicos. Neste caso, a necessidade é possibilitar uma ampliação da sua experiência com a Arte.

Lanier (2013) é mais enfático na sua defesa essencialista, mas faz apontamentos interessantes e afirma que o objetivo do ensino de Arte deve estar focado em instigar o processo de conhecimento do aluno em Artes, e deve-se entender que esse processo de ampliação da experiência estética não se dá somente dentro da sala de aula, pois este aluno já traz consigo toda uma vivência do seu cotidiano antes mesmo de adentrar a escola. Lanier (2013) se posiciona a respeito de alguns termos utilizados na área como “desenvolver” ou “criar”, que passam a ideia que o aluno entra na sala de aula sem conhecer nada de arte ou sem criatividade nenhuma e que é na sala de aula que vai aprender do zero tudo isso. Ele sugere que ao invés desses termos utilizemos o termo “ampliar”, pois, se o aluno já possui algum conhecimento e criatividade em Arte, é bastante natural que quando entre em contato com a Arte na sala de aula ele amplie o seu conhecimento e criatividade.

Contudo, o que acontece geralmente é que o ensino da Arte está voltado na sua maioria para o desenvolvimento de características do indivíduo, ou seja, o professor leciona aula de Arte para melhorar a criatividade do aluno, tirar a timidez, falar e escrever corretamente, para oferecer atividades de lazer e produção de festividades nas escolas. Esse tipo de ensino é o chamado como contextualista.

Neste momento trago uma introdução à discussão sobre o tradicionalismo e o liberalismo na educação, principalmente do ensino de Arte, que levanta muitas questões. Estas correntes pedagógicas são bastante difundidas no Brasil e se relacionam com os conceitos acima descritos, ficando geralmente o contextualismo ligado ao liberalismo e o essencialismo, ao tradicionalismo, lembrando que esta não é uma regra.

Louis Porcher (1982) afirma que quase todas as questões em relação aos desafios do ensino de Arte estão relacionadas à formação do professor e que essa formação acontece no domínio artístico, com certeza, mas que é insuficiente. No passado da instituição escolar abusou-se tanto da iniciação cultural malfeita que o ensino de Arte sempre causa desconfiança, e essa tendência é reforçada pelos professores autoritários. Hoje há dois métodos mais conhecidos no Brasil, os liberais (escolanovistas) e tradicionais. Os dois querem o mesmo, mas procuram atingir isso com métodos diferentes e isso gera uma

rivalidade. Em 1982 os liberais eram bem vistos, pois tinham o foco na criança, porém o caminho utilizado não era o melhor, pois punha a Arte no lugar de ferramenta. A educação não tem como criar uma oposição entre o que é sentido e o que é concebido, entre a sensibilidade e a inteligência, a emoção e a razão, o importante é que esses processos se complementem mutuamente. Deve-se dar atenção a como ensinar o aluno a ter liberdade dentro de cada contexto de ensino. Se o professor deixa-lo livre demais, ele estará abandonado à inércia. Os tradicionalistas também têm seus pecados, pois focam a sua prática no mestre, em assuntos que eles acham importantes sem levar em consideração o que o aluno pensa e como vive.

Lanier (2013) ainda faz uma crítica sobre as atividades de ateliê, que, nesse contexto do ensino de Arte, referem-se fortemente ao uso somente da prática na sala de aula. Ele diz que só a prática não amplia a experiência estética do aluno, pois, nem tudo que sabemos de arte foi aprendido na prática. A arte não parte somente do artista, do fazer, do estar em cena, parte também do espectador, do apreciar e do se relacionar com a arte, muitas vezes consumida de forma inconsciente, com a própria realidade. Ele ainda afirma que a disciplina de Arte nas escolas não existe para formar artistas, portanto, não há sentido em se utilizar somente a prática. Uma possível solução seria procurar relacionar esse processo de estudo com a realidade do aluno, incluindo o uso das Artes populares e incluir também dentro deste processo as outras duas vertentes da abordagem triangular, que é uma proposta que a autora Ana Mae Barbosa (1985) criou na década de 80 e que sugere, além do fazer, a contextualização e a apreciação. Segundo Barbosa (1998), a contextualização e a apreciação são, inclusive, ações de suma importância dentro da abordagem triangular, pois desenvolvem no aluno a possibilidade de ele experienciar o que a Arte pode proporcionar na sua totalidade.

Duarte Jr (2012) em “Por que Arte-Educação?” traz algumas questões acerca de arte-educação, como aprendemos, por que aprendemos e o que a Arte tem a ver com este processo de aprendizagem, até chegar aos fundamentos da arte-educação.

Ele inicia dissertando sobre adestramento e aprendizagem. Conclui que os animais adquirem conhecimento a fim de resolver um instinto básico e todos os seus comportamentos tem contato direto com o mundo, ou seja, este vive somente em prol de sua sobrevivência. Já os seres humanos adquirem conhecimento não só em prol de sua sobrevivência, mas também para transformar o meio em que vivem, uma vez que eles possuem consciência e a capacidade abstrativa, além de possuírem comportamentos simbólicos que dizem respeito basicamente ao

ato de ter contato indireto com o mundo. Por exemplo, o urso usa a própria boca para pescar, mas o ser humano usa uma vara de pesca. Neste sentido, o adestramento está relacionado com os animais com treinamentos ou comandos fixos, e já a aprendizagem está relacionada com o ser humano com sua capacidade de abstrair, conhecer o mundo e criar símbolos para se relacionar com ele. O autor ainda diz que o ser humano aprende devido a dois fatores: (1) a vivência e a sua (2) capacidade de abstrair, manejar símbolos e criá-los, já que tudo que o ser humano sente e vivencia ele procura dar significados através dos símbolos e que cada conhecimento novo é construído com base em nossas vivências.

Então Duarte Jr. (2012) afirma que a nossa postura humana é aprendida através da socialização com nosso meio, e o ser humano se transforma constantemente desde o nascimento e se torna um espelho ou um conjunto de vários fragmentos do meio em que vive. A nossa civilização é toda dividida. Um exemplo: antes tínhamos o médico, profissional que cuidava de uma família inteira e hoje o comum é um especialista para cada idade e para cada área do corpo, pediatra, dermatologista, cardiologista, ginecologista e assim por diante. E as escolas seguem pelos mesmos caminhos, transmitindo conteúdos fragmentados com o grande objetivo de formar mão de obra para as indústrias, impondo ensinamentos que nada tem a ver com a realidade do aluno, muitas vezes frustrando o aluno com realidades das classes dominantes. Diferente deste modelo de civilização eram as culturas primitivas que passavam os saberes através das experiências. Tudo se ensinava e tudo se aprendia ao mesmo tempo, não havia divisões. Você aprende a pescar, se defender, não comer frutos envenenados e usar plantas curativas, e esses conhecimentos eram quase sempre passados de maneira informal, não havia escola. As pessoas aprendiam enquanto comiam, enquanto caçavam, enquanto ouviam histórias.

Duarte Jr. (2012) afirma que um fenômeno comum a todas as civilizações é a arte, já que todas as culturas produziram e produzem arte para dar sentido à vida, com pinturas, rituais, artesanato ou cinema, e todas essas produções são possíveis por conta do símbolo. Sendo assim, com essas manifestações simbólicas dos primitivos surgiu a linguagem, um produto da relação dos homens capaz de guardar o sentido das coisas igualmente para todos. A linguagem é um instrumento de organização da vida humana. Porém, a linguagem é incapaz de apresentar integralmente os sentimentos e é aí que entra a arte. A arte consegue apresentar instantaneamente um sentimento, ela expressa o sentimento humano sem necessariamente precisar da linguagem verbal.

Segundo Duarte Jr. (2012) a imaginação é o eixo da criação, e quando criamos algo ocorre uma movimentação dos sentimentos, que vão se relacionando de várias formas e que depois são simbolizados. Para (DUARTE JR, 2012, p.23) “A criação é muito mais produto de sentimentos e intuições do que de operações lógicas”, e se cria pra negar o que já está estabelecido na própria realidade, se cria arte na tentativa de concretizar em formas harmônicas os elementos do sentir humano.

Duarte Jr. (2012) diz que há uma confusão muito comum na relação criação e sentimentos, já que o artista não está apenas exprimindo os próprios sentimentos. Pelo contrário, a capacidade do artista reside na sua sensibilidade de captar os sentimentos da comunidade humana. Ele exprime em símbolos o que compreende do seu tempo e lugar. Segundo Ezra Pound (apud DUARTE JR, 2012, p.56) “Os atores são antenas da raça, eles captam os sentimentos em que todos estão inseridos e tornam evidentes”.

O intuito de abordar as diversas linguagens na escola e suas funções e objetivos é o de evidenciar que a Arte é tão importante quanto a comunicação verbal, uma vez que a mesma surge ao mesmo tempo ou até antes que a fala e a escrita na história da humanidade. Questiono o porquê que a arte é tão banalizada na cultura brasileira e em outras culturas também. O que aconteceu de fato na história que fez com que a Arte fosse deixada em segundo plano? Consigo pensar em ambição, busca de poder e etc. A Arte deixa o ser humano sensível e também deixa alerta para o mau funcionamento das coisas ao seu redor. Mas, isso é discussão para outro momento.

Aqui procuro esclarecer sobre o fazer artístico profissional afim de que se possa visualizar melhor a relação arte-produção e Arte-Educação. Neste sentido, é bastante comum, segundo Bourriaud (2011), que muitas pessoas definam a Arte por oposição ao trabalho, demonstrando assim a pífia opinião que tem tanto de uma como de outra. Para o autor existe uma relação fetichista das pessoas com a arte, permeada pela superstição. Nessa “estranha” profissão (a profissão do artista) nada é determinado por contexto normativo. De acordo com Bourriaud (2011), existe, de fato, uma diferença fundamental entre o ofício do artista e os demais ofícios. A arte é o meio de questionar tudo que integra as relações sociais e o universo do valor começa muito antes da exposição. Criar não significa fabricar objetos e sim fazer avançar uma obra no sentido de processos que dialoguem com público, uma vez que a arte se verifica no cotidiano, do contrario não é arte.

Para Bourriaud (2011), a atividade artística teria de ser tremendamente autárquica para não fazer sentir suas repercussões, e isso não acontece porque a arte mantém relações ambíguas: ou seja, figurar o mundo significa apropriar-se simbolicamente dele. A arte tem a capacidade de transformar mentalidades, não no sentido de dissolver as relações sociais, mas de ampliar as prerrogativas naturais. Bourriaud (2011) diz que a força do trabalho artístico pode se deslocar para onde bem entender. Sendo assim, toda produção artística tem início com um conjunto de decisões e essas decisões não são inocentes, pois colocam o artista num lugar de comunidade estilística, onde todas as suas escolhas apontam para determinados modos de produzir arte. O artista moderno deve ele próprio inventar a sucessão de posturas e gestos que lhe permitirão produzir.

Bourriaud (2011), assim como Duarte Jr. (2012), afirma que o artista tem a capacidade de atuar sobre o espírito humano e suscitar emoções. Sendo assim, ele trabalha para conciliar criação, trabalho e existência cotidiana afim de estabelecer vínculo entre a arte e a vida cotidiana. A arte moderna nega-se a considerar o produto acabado e a vida a ser vivida como sendo separados, e o ato de representar já não é mais visto como inocente, já que torna-se necessário criticar suas modalidades e interioriza-lo se possível. O artista pode dividir o trabalho em duas unidades: a oratória, que é o lugar de elaboração, e o laboratório, que é o espaço de experimentação material.

Para Bourriaud (2011) o ser humano não nasceu para a pintura e sim a pintura para o ser humano, mas é preciso tratar a pintura de cima pra baixo ao invés de prostrar-se apenas para a obra. Um problema da cultura ocidental é que a mesma despreza o efêmero e aqui mora o desafio da arte, pois a arte é assim a exposição de uma existência quase sempre em momentos que vem, acontecem e vão embora despercebidos. Toda obra de arte reflete disposições psicológicas e pequenas decisões existenciais, expressando uma soma de escolhas, hábitos e gestos que se especializam em superfícies ou volumes afim de adquirir uma consciência estética. No mais, o artista é analista do real e o “eu” que a obra põe em cena não é o mesmo “eu” da vida real.

Bourriaud (2011) faz apontamentos relacionados ao fazer artístico no sentido de profissão e suas produções, mas que muito se relacionam com a educação, pois acredito que essa visão que este autor apresenta precisa ser debatida em sala de aula, uma vez que a disciplina de Arte não forma artistas, mas apresenta também uma possibilidade de profissão, assim como estudar cálculos está relacionado com a profissão de engenharia, por exemplo.

Neste sentido, retomo o que diz Susanne Langer (*apud* BARBOSA, 1985): existem dois sistemas de conhecimento, o discursivo, que corresponde à linguagem verbal e escrita, ou seja, aos estudos lógicos que são muito bem aceitos pelo sistema educacional; e o presentacional, que corresponde à Arte, que está ligado à capacidade de abstrair para além do discurso, de expressar literalmente os sentidos, que é também a capacidade de transpor a realidade em símbolos, capacidade essa que segundo Duarte Jr. (2012) a ciência não tem, conhecimento esse que ainda luta para afirmar sua importância na educação e na sociedade.

Voltamos com Duarte Jr. (2012) que, analisando o espectador na experiência estética, diz que a consciência se coloca na arte de maneira diferente da forma como se coloca na vida cotidiana. Enquanto espectador, o indivíduo apreende o mundo de maneira total, sem mediação dos conceitos linguísticos. Para se para sentir e não mais para analisar o objeto, envolve-se com outra realidade que não a própria e o cotidiano fica suspenso no momento da contemplação. Segundo Duarte Jr. (2012), na comunicação da linguagem verbal quanto mais fechado o campo de significado, melhor, e ocorre o contrário na arte, em que quanto mais abertos os significados, melhor. Não é função da Arte transmitir significados conceituais determinados, pois, seus sentidos brotam dos sentimentos do seu público e, por isso, Umberto Eco (*apud* DUARTE JR, 2012) intitula “Obra de arte aberta”, para que o público complete com seus sentimentos.

Duarte Jr. (2012) menciona que as três primazias do mundo, que estão ligadas às personalidades básicas do ser humano moderno: a primazia da razão, que nos leva a acreditar que se pode solucionar qualquer problema imposto pela ciência; a primazia do trabalho, que faz com que se produza sem parar com fins utilitários; e a primazia da natureza infinita, que faz com que cada vez mais se produza produtos manufaturados acreditando na natureza inesgotável dos recursos. Esses princípios estão acabando com o planeta e oprimindo as emoções e os valores, sempre em busca de solucionar os problemas do homem criados por ele próprio. Então a Arte vem tentando se aliar com a educação com o intuito de valorizar a beleza e a estética, pois através da Arte se pode despertar a atenção de cada um para sua maneira particular de sentir, sobre a qual as pessoas elaboram todos os outros processos racionais de adquirir conhecimento.

Duarte Jr. (2012) ainda diz que a Arte serve pra educar e desenvolver o sentimento da mesma forma que se desenvolve o pensamento racional lógico. Educar os sentimentos não significa reprimi-los, mas significa estimulá-los a se expressarem, conhecer as próprias

emoções e ver fundamentos do próprio eu. A Arte deixa o imaginário ágil e é importante o exercício artístico, porque o pensamento lógico ocupa grande parte do intelecto e nos resta pouco espaço para sonhar e fantasiar. Infelizmente o pensamento lógico é reforçado pela escola muito mais do que o pensamento subjetivo, e isso se dá por conta das metodologias de reprodução e não de criação. Não se defende aqui que o pensamento subjetivo precise se sobressair ao lógico, mas, é necessário um equilíbrio dos dois, pois os dois se complementam, uma vez que o ser humano é feito dessas suas dimensões, lógica e subjetiva.

Contribui para essa discussão também Perissé (2014) que fala da importância da Arte na vida e na educação. Ele diz que a Arte educa não porque vem com um guia de boas condutas já formuladas, mas porque dá forma a sentimentos e ideais, e a Arte é vital para conhecer e reconhecer no mundo a presença da criatividade. A arte tem sempre algo a ensinar sobre a humanidade, porque a vida é cheia de incertezas e a Arte compreende isso e nos faz compreender também.

Afirma Duarte Jr. (2012) que a arte pode acessar os sentimentos em situações fora do cotidiano formando empatia, além de ser o meio indispensável para a união do indivíduo com o todo. É preciso permitir uma vivência dos sentimentos através da Arte e não ficar somente no campo da verbalização e palavras, e é muito importante considerar a personalidade cultural de cada lugar, os aspectos socioculturais da educação artística ofertada e o contexto histórico e cultural desses lugares. Quando o povo abandona sua cultura e abraça uma cultura estrangeira, ele deixa de sentir com clareza e passa a reproduzir algo que não lhe representa inteiramente, de modo que acaba produzindo arte por produzir. Por isso é importante que os educadores foquem mais nas culturas que representam a própria realidade dos alunos e menos nas culturas estrangeiras.

Louis Porcher (1982) faz alguns apontamentos acerca da Arte, como, por exemplo, que a Arte não é inata e sim produto de origens culturais e que a mesma enfrenta os mesmos problemas que as outras disciplinas, só que ainda pior com o peso da sua história, já que a Arte divide o “privilégio” com a Educação Física de serem ambas rejeitadas e que, por isso mesmo, precisam ser aperfeiçoadas e ofertadas a todos, pois muitas vezes ensinamos a Arte que queremos ao invés da Arte que devemos.

Outra questão é apontada por Vianna e Strazzacappa (2012), que questionam que, se a escola compreende que algumas práticas precisam de espaços específicos, como as vinculadas

a alguns saberes como Química, Física, não seria desprezo achar que o estudo de Arte pode ser feito em qualquer lugar? Por que a escola aceita tão facilmente que não existe material e nem espaço para o ensino de Arte e fica indignada com a falta de recursos para outros aprendizados? Infelizmente esta é a realidade de algumas escolas em Manaus referente ao ensino de Arte. Ao considerar o ensino de Arte supérfluo, a escola não vai atrás de subsídios necessários para a realização das atividades e nem de professor adequado para trabalhar o conhecimento, assim caímos na mesmice de achar que qualquer pessoa "criativa" e "habilidosa" pode ser professor de Arte. Do contrário, quando respeitamos o ensino de Arte e suas linguagens artísticas, estamos fomentando a importância da Arte como área do conhecimento. Isso mostra o pouco conhecimento da importância do ensino para os alunos e a sociedade. Infelizmente a ideia de que Arte é menos importante ainda se propaga de forma latente em Manaus, e com a maioria dos professores que atuam não sendo formados na área específica só se reforça essa ideia.

Com isso, Louis Porcher (1982) sugere que se quisermos promover uma verdadeira democratização do acesso à Arte, teremos de propor outra noção de estética. E para isso é preciso pensar o ensino de Arte racionalmente, pois o julgamento estético é do mesmo tipo do julgamento científico, e é preciso razão para avaliar e ensinar verdadeiramente. A escola deve passar necessariamente pela aliança entre a ciência – que se relaciona aos conhecimentos exatos e científicos, que trabalham o raciocínio lógico e evidências factuais, e a liberdade – que se relaciona aos conhecimentos subjetivos que trabalham a interpretação, a criatividade e a criticidade.

Almeida (2012) afirma que a prática artística na escola contribui para a formação intelectual, para a autonomia visando pensar a qualidade de vida e o desenvolvimento de personalidade. Ela defende uma metodologia pedagógica bem estruturada para a formação estética, que não deixe o aluno livre demais, o que significa que não se pode confiar inteiramente que o aluno vai conseguir sozinho construir conhecimento, pois é preciso um professor para instigá-lo e mostrar os caminhos necessários. Para Almeida (2012), a educação artística vai muito além da sua utilização para lazer escolar. Quer dizer também que há uma pedagogia na qual os diversos tipos de expressão estejam em relação uns com os outros, que se prolongam, se completam e reflitam mutuamente, uma educação artística como impressão da realidade e não apenas nas representações de obras das belas artes.

Almeida (2012) diz que a formação da sensibilidade tem um problema que reside em constituir, produzir o chamado prazer estético, o prazer em segundo grau que existe em concordar ou discordar da obra assistida. Este é um prazer desinteressado, uma ocorrência física. O paradoxo da pedagogia artística é de justamente querer criar essa disposição dos nervos.

Já Louis Porcher (1982) aponta três como sendo os principais objetivos da educação Artística, que são: assim como as outras disciplinas a Arte também visa a formação intelectual do aluno; a livre auto expressão, que trabalha na formação de personalidade e que pode ser um dos maiores problemas, pois geralmente é trabalhada erroneamente; e a formação de apreciadores de arte, à qual infelizmente nem todas as crianças tem acesso por conta das classes sociais a que pertencem e da exclusão delas de algumas experiências artísticas.

Para Duarte Jr. (2012) a Arte tem função em um processo formativo do humano, um processo que envolve a criação de um sentido para a vida, que emerge desses nossos sentimentos peculiares. Mas a escola tradicionalmente não ajuda a formular questões, ela somente ensina respostas que muitas vezes não condizem com as inquietações de cada um, além de ser uma grande impositora de verdades absolutas. Por isso que na Arte o processo é mais importante que o resultado final, pois possibilita uma ação contínua do desenvolvimento dos sentimentos.

De acordo com Duarte Jr. (2012), a finalidade da Arte deve ser sempre o desenvolvimento de uma consciência estética, consciência essa que significa poder de escolha, de crítica e o não se submeter à imposição de valores e sentidos. A educação era puramente estética e humanizada, mas foi racionalizada por exigência da moderna organização industrial, pois a Arte sempre foi vista como artigo de luxo e acessório, e nas escolas públicas entrava pelas portas dos fundos, sempre disfarçada. Isso porque o objetivo do ensino brasileiro é formar mão de obra, então a Arte começou a ser intitulada como “coisa de desocupado” e até os dias de hoje nas escolas continua sendo encarada por muitos como mero lazer.

Esse pensamento é comum, pois, de acordo com Louis Porcher (1982), a Arte por muito tempo teve uma conotação aristocrática, o que significa que a prática das Artes era basicamente voltada para a alta sociedade como exercício de lazer, que se transformou em marca registrada da elite, dando a entender que a Arte não podia pertencer ao povo que

sempre precisou trabalhar para sobreviver e que, também, pessoas pobres não podiam se tornar gênios artistas pelo seu status.

Duarte Jr. (2012) critica que existe um problema na Lei 5.692/71 (e que persiste nas leis mais recentes) que propõe a Arte em todos os segmentos, pois é inviável que um só professor dê conta de todos os conteúdos, de todas as linguagens artísticas. Apesar de já existirem muitos profissionais formados na área de Arte-educação, muitos não formados ocupam o cargo de professor de Arte e o próprio sistema burla a legislação, deixando entender o grau de importância dado para a Arte. O interessante seria ter uma equipe de professores de Arte que pudessem dialogar com todas as linguagens. Outro problema recorrente dentro das escolas é que o ensino de Arte que está sendo passado para os alunos vem acompanhado com uma sutil imposição de valores quando, por exemplo, já vem com modelos prontos que o aluno apenas reproduza, acreditando que ele não tem capacidade de criar sozinho, ou quando uma avaliação dada pelo professor reside em escolher o melhor trabalho da turma e muitas vezes essas avaliações tem base em modelos televisivos.

Para isso contribui Perissé (2014), que afirma que é preciso repensar o modo que se ensina Arte para que assim possa se atingir o objetivo esperado, que é aprender sobre humanidade. Perissé (2014) traz algumas questões. Por exemplo, ele acredita que o estudo é o alicerce da Arte de ensinar e que é equivocado um professor imaturo artisticamente lecionar aulas de Artes, ou lecionar somente aulas que lhe agradem, já que formação estética não é satisfação de gosto pessoal. Pois, para que um aluno aprenda Artes e seus ensinamentos, é preciso ensinar com arte e não com instruções que se decora de um livro didático qualquer. É preciso ter intimidade com o conteúdo de Arte para que o ensino cumpra seu propósito, do contrário será mais uma aula de instruções com raso embasamento, ou melhor, será mais uma aula de Arte com o professor de geografia.

Perissé (2014) afirma que a Arte de ensinar é a Arte do encontro, e esse encontro acontece quando todos os envolvidos estão engajados. Um exemplo é a escola que cada vez mais está a caminho de uma sala de aula democrática, mas, para isso, é preciso professores que não sejam apenas narradores, mas também ouvintes de seus alunos; e alunos que não sejam ouvintes passivos, mas participantes ativos que contribuem para o seu próprio aprendizado. Dessa relação de troca mútua e respeito um pelo outro, muda-se a realidade e a aprendizagem acontece.

Por fim, Perissé (2014) diz que nada mais estimulante do que fazer da Arte um eixo da educação, apostando num mundo mais poético, uma vez que a ciência não dá conta de explicar a realidade, mas a Arte faz a realidade aparecer mais transfigurada, faz a gente estranhar o natural e explicar o inexplicável.

3. IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE TEATRO

Neste capítulo apresentam-se as implicações do ensino de Teatro na educação formal, como suas contribuições e funcionalidades de acordo com alguns autores.

Vianna e Strazzacappa (2012) afirmam que a educação básica deveria ser especialmente organizada, pois ela é a base a partir da qual o aluno vai escolher o que quer ser da vida. Afirmam também que o professor às vezes pode ser o motivo das escolhas, por levar seu trabalho à sério ou não levar à sério, e isso provoca estímulos e desejos de aprender no aluno.

Aquelas autoras fazem uma série de questionamentos em relação ao conhecimento, como dizer o que é mais importante e por quê? Física é mais importante que Teatro e vice versa? Por que não compartilhar saberes? Elas dizem que o Teatro como área do conhecimento possibilita conhecer melhor a si mesmo, aos outros e tudo ao seu redor, e também o nosso papel no mundo. O teatro precisa ocupar um espaço de conteúdo na escola e não de atividade complementar. De maneira alguma se desmerece a atividade teatral livre, uma vez que esta geralmente forma grupos amadores nesses espaços de escolas, igrejas ou institutos sociais, que muitas vezes produzem e fomentam teatro de maneira bastante significativa para seus espaços. Segundo Vianna e Strazzacappa (2012), apesar das escolas de formação de atores e de outros profissionais da área existentes, observa-se que geralmente as primeiras experiências com teatro são amadoras. Por ser uma atividade que envolve um grupo de pessoas, o teatro atrai diversos tipos de praticantes que buscam se expressar e compartilhar percepções.

Pupo (2012) faz um questionamento sobre o fato de que alguns grupos de teatro têm feito melhor trabalho pedagógico que a própria Secretaria de Educação de São Paulo e relembra a batalha entre 1970 e 1980 contra a polivalência no ensino de Artes, que hoje parece não ter valor nenhum porque não existem medidas efetivas para cumprir as exigências que nasceram dessa luta. A autora nesse momento se refere à realidade da cidade de São Paulo e infelizmente a mesma é muito próxima da realidade de Manaus, pois além da polivalência no ensino de Arte/Teatro, existem muitos professores atuantes que sequer são formados em artes ou algo do gênero. É muito comum encontrarmos professores de História ou Geografia dando aula de Arte. Não possuo nenhum preconceito contra as formações citadas, mas estes professores sem o devido conhecimento específico, por exemplo, só reforçam o ensino de Teatro como ferramenta de suporte de festas escolares. Ora, a direção

da escola não ousa colocar um professor que não tenha formação específica para dar aula de português, por exemplo, pois este professor vai adentrar a sala de aula e fazer “interpretações de textos” ou “ditados” com o conhecimento mínimo que o mesmo tem, e vai deixar de lado toda uma diversidade de conteúdos que possui a disciplina de Português. O mesmo acontece com a disciplina de Arte/Teatro, já que geralmente o professor com o mínimo de conhecimento só dará aulas de improvisação, esquecendo que o corpo do ator precisa ser aquecido, corporalmente, vocalmente e etc, além de ignorar o trabalho com as técnicas de cena, de triangulação, de tempo e outros.

Segundo Telles (2013), muitos educadores não percebem a importância do ensino de Teatro para além do mero entretenimento. Um fato é que esses educadores utilizam a Arte como ferramenta de reforço para disciplinas ditas “fundamentais”.

Aquele autor também defende que o professor conduza seu trabalho de forma mais aberta, o que não significa que deve ser feito sem preparo ou planejamento, e sim que este educador esteja atento aos processos de aprendizagem de seus alunos e que, de acordo com as necessidades, faça as modificações necessárias em seus planos. É preciso utilizar táticas que ajudam a cumprir o propósito do processo pedagógico em questão, e adentrar o cotidiano das aulas é uma dessas possibilidades de compreender os participantes (alunos), verificando quais relações se estabelecem com as atividades propostas e as relações socioculturais que permeiam esses alunos. Ele conclui afirmando que:

Nessa medida a aula de Teatro torna-se um momento de experimentar, refletir e elaborar um conhecimento dos elementos teatrais, buscando a vivência de uma atividade artística que permite a ampliação de conhecimento e de suas vivências artísticas e consciência de grupo. (TELLES, 2013, p.18)

Araújo (2005) também traz questionamentos aplicados ao Teatro, e diz que o indivíduo deve se questionar sobre o que quer comunicar com o Teatro, e por que e para que é importante o Teatro? Ele diz que diversas respostas pessoais podem surgir, como, por exemplo, desfrutar da glória de ter a atenção voltada para si quando se está em cena, ou então que é uma forma de lazer bastante prazerosa. Mas, para o professor de Teatro o motivo principal deve ser a condução de experiências teatrais e a ampliação do acesso a estas práticas.

Louis Porcher (1982) faz uma indagação parecida com a de Araújo e diz que sempre devemos questionar o porquê de se fazer teatro e como fazer também, uma vez que o educador teatral é um agente de transmissão de uma cultura gerada por outros indivíduos, pertencentes a outras classes sociais e tempos culturais diferentes. O que se espera do educador é que mediante uma contribuição metodológica ele ajude a encontrar as raízes culturais que gerem um modo de fazer teatro que seja somente daquele grupo. Quando esse grupo voltar a ser criador livre ele passará a apreciar e comparar outros modos de fazer teatro.

Araújo (2005) tentou buscar uma definição essencialista para o teatro, chegando a um ponto em que afirma que o Teatro deve ser estudado porque é parte do patrimônio humano produzido entre diferentes processos políticos e socioeconômicos, e que provém de processos de colonizações e trocas culturais, por isso tem seus próprios códigos, convenções, técnicas e éticas, e estes precisam ser conhecidos.

Para Araújo (2005) o teatro é um complexo artístico comunicativo, o que significa que uma prática Teatral educativa não se caracteriza por uma única ação isolada, e sim como uma ação artística, que articula diversos atos de conhecimento, como atuação, dramaturgia e técnica, constituindo os instrumentos de intervenção dos sujeitos na construção de uma representação teatral e sua poética.

Araújo (2005) ainda diz que para haver uma prática teatral pedagógica inspiradora é preciso compreender o processo teatral como uma forma artística totalizadora, que apesar de ter o ator como foco, precisa ter o cuidado para não reduzir os outros conhecimentos do teatro somente ao conhecimento do ator.

Para isso, temos Desgranges (2003) que defende que somente existe Arte quando existem apreciadores, e para haver apreciadores de Arte, precisa-se formar apreciadores de Arte, pois apreciar não é um talento natural e sim uma conquista cultural. Portanto, o ensino de Teatro é importante porque possibilita a formação de apreciadores. Além disso, o autor critica a defesa vaga da importância do Teatro, evidente em afirmações como, por exemplo, “teatro é cultura”, sem se saber ao certo em que implica esta frase, ou a ideia errônea de que teatro é transmissor de moralidade, que tem a função de ensinar o certo e o errado, ou de doutrinar as pessoas.

Desgranges (2003) afirma que o contato com o teatro faz revelar ou transformar algo na vida do indivíduo, que possibilita a revisão crítica do passado, a modificação do presente e a projeção de um futuro. A Arte tem a capacidade de provocar o indivíduo, sensibilizando-o para olhar o mundo sobre uma nova perspectiva, e o teatro hoje tem como desafio provocar a

capacidade de criticar dos seus espectadores. Ele salienta que precisamos compreender a Arte como sendo educadora enquanto Arte e não necessariamente como Arte educadora. A Arte não é só mero entretenimento, ela pode propiciar momentos decisivos aos apreciadores. O contrário acontece quando se utiliza o teatro como ferramenta, usando-o para ensinar moralismo, bons comportamentos, português, história, para ensinar algo que não seja teatro.

Por fim Desgranges (2003) diz que o teatro acompanha a evolução da humanidade. Por exemplo, o teatro teve que se reinventar com o surgimento da tecnologia e o faz sem parar, buscando possibilitar diálogo efetivo com a realidade em transformação. O teatro tem história, tem formas e tem contribuições que vão muito além das atribuídas vagamente. O teatro existe no mundo e é preciso se relacionar com ele, principalmente como espectador.

Perissé (2014) afirma que a importância do ensino de Teatro reside no fato de que o processo artístico acarreta consequências importantes para quem faz e para quem assiste. Isso porque há uma tensão no teatro que faz com que os envolvidos, atores e público, em níveis diferentes dependendo da experiência pessoal, aprendam algo sobre a vida. Pois, onde há seres humanos, existe o drama, existe o teatro. A relação com o teatro faz o indivíduo compreender a si próprio e ao mundo a sua volta. Conduzir um aluno a realizar uma peça pressupõe fazer com que esse aluno se conheça melhor.

Ainda segundo Perissé (2014) é indispensável que o aluno tenha contato com o teatro por ele mesmo, por meio de uma leitura, de uma peça assistida, de uma visita realizada pelos bastidores, pois o contato com o teatro em si é, antes, uma questão de experiência de beleza. Por exemplo, ler as peças teatrais é ótimo, mas melhor ainda é vê-las sendo encenadas, uma vez que o Teatro acolhe outras Artes, como o cenário que está ligado às Artes Visuais, ou a sonoplastia, que está ligada à Música. O autor frisa isso, pois acontece no ensino de Teatro que o ator e a atuação quase sempre estão em primeiro plano, esquecendo-se dos outros elementos do teatro e das outras abordagens, como, por exemplo, a apreciação.

Vianna e Strazzacappa (2012) fazem o seguinte apontamento em relação a apreciar teatro a partir do contexto escolar: elas dizem que essa é uma prática que precisa ser pensada, é preciso avaliar tudo que se quer ver e pensar também na forma de avaliação desse momento de apreciação, no que se pretende usar como avaliação.

Vianna e Strazzacappa (2012) dizem que a escola não busca formar atores, então se questiona porque o espetáculo é importante? No ensino de Teatro o professor pode se utilizar de diversas metodologias que não tenha como objetivo um espetáculo ou apresentação. Elas

defendem que realizar um espetáculo teatral põe o aluno no ato de comunicação com o público, durante o qual tudo aquilo que criaram no processo precisa ser comunicado ao público. Frisam também que o espetáculo não deve ser o objetivo da aula e sim o processo como um todo, que envolve desde a separação das funções, se houver, a criação e finalmente o momento da apresentação ao público. Pois, quando o objetivo é um espetáculo qualquer, uma fabricação que não envolve participação ativa criadora dos alunos gera competitividade entre eles e este é um fator negativo. O interessante é que o aluno possa conhecer e vivenciar uma prática criativa teatral e se utilizar dela de forma benéfica. Quando chega a hora da apresentação o aluno precisa se fazer entender, nesse sentido ele possibilita a responsabilidade e o exercício da comunicação e, quando a comunicação com o público é eficiente, esse momento proporciona vários conhecimentos sobre o fazer teatral, sobre si e sobre a vida. Quando a comunicação com o público não é eficiente, o próprio público tem uma reação que gera uma reflexão sobre prática teatral, questionamentos, por exemplo, em saber o porquê que não comunicou, ou porquê o público entendeu de forma diferente o que o espetáculo queria abordar e outras questões que podem ser pensadas e repensadas. Por fim Vianna e Strazzacappa (2012, p.138) "Se o teatro é uma arte do coletivo e do tempo presente, Acreditamos que a escola seja o local privilegiado para o desenvolvimento dessa linguagem".

Porém Vianna e Strazzacappa (2012) fazem uma afirmação que acredito ser importante frisar, que o ensino de Teatro pode ser pautado em aprendizado de vivência em grupo, de criação coletiva e da partilha de diversos pontos de vista, e também para a formação de público que aprecie teatro e outras formas artísticas. É mais, que o ensino de Teatro na escola deve ser oferecido por profissionais com competência, nem só artistas e nem só professores. É desejável um professor que seja um artista-educador. Do contrário, se esse profissional não estiver preparado ele só dará reforço à ideia de Teatro como passatempo. Para além disso o Teatro proporciona aprendizado humano, já que pela prática da representação o estudante expõe-se e confronta seu mundo com o mundo que o rodeia. É preciso extremo cuidado com certas aulas de teatro, certas metodologias que podem ser constrangedoras. É preciso profissionais capacitados a lidar com conteúdos e com o ser humano, para que não venha a acontecer de alunos serem expostos ao ridículo.

Louis Porcher (1982) afirma que todo processo de educação teatral passa por quatro etapas: a expressão espontânea – embora frise que não se deve permanecer somente nisso; depois segue a reflexão sobre essa expressão que desperta as necessidades, libertando (na

terceira etapa) o apetite do indivíduo para um processo criativo, por exemplo; e que posteriormente deve ser submetido à crítica, por fim, para Pupo (2012) “a escola é o coração da democracia”, ou pelo menos deveria ser, uma vez que todos que já passaram ou passarão por essa instituição que busca formar cidadãos melhores. O Teatro não deve ficar de fora deste processo, pois, contribui enormemente tanto para conhecimento artístico de seu próprio espaço, como para o conhecimento pessoal.

4. METODOLOGIA

Esta pesquisa propõe-se a analisar o que pensam pais, alunos, um gestor e um professor de Teatro sobre a importância do ensino de Teatro. O caminho pensado para atingir o objetivo desta pesquisa foi coletar dados através de um questionário apresentado aos participantes, comparar os discursos dos entrevistados a fim de verificar se há consonância ou dissonância e por fim fazer uma reflexão sobre os resultados obtidos.

A natureza desta pesquisa é do tipo básica uma vez que, segundo Prodanov e Freitas (2013), tem interesse em somente investigar o que pensam os participantes sobre o ensino de Teatro, contribuindo com mais uma visão sobre o assunto, e não propor aplicações práticas deste estudo. Esta pesquisa tem o objetivo de ser descritiva. De acordo com Prodanov e Freitas (2013), pesquisa descritiva é aquela que tem interesse em registrar, descrever e interpretar a opinião dos pesquisados, e nenhum tipo de interferência ocorre pela parte do pesquisador.

4.1 Participantes

O grupo participante desta pesquisa é formado por 1 gestor, 1 professor, 14 estudantes e seus respectivos responsáveis, todos vinculados a uma escola pública estadual que atende em tempo integral o segmento de ensino fundamental II (do 6º ano ao 9º ano), localizada na zona centro-oeste na cidade de Manaus. Esta escola possui 10 salas de aulas, auditório, biblioteca, quadra a céu aberto, cantina e banheiros. Uma média de 400 alunos de classe baixa à classe média são atendidos por uma equipe de 10 professores(as), secretários(as), pedagogos(as), gestora e equipe de limpeza e segurança.

O critério de seleção desta escola para participar da pesquisa se dá pelo fato de ter um professor formado na área pesquisada (ensino de Teatro), pois neste momento de minha formação seria muito improdutivo analisar a fala de um professor não formado na área, como alguém formado em pedagogia, por exemplo, já que seu conhecimento em Arte é muito generalizado e uma vez que acho necessário o registro e análise de práticas de ensino de Teatro na cidade de Manaus. Encontrar um professor-artista, com formação na área, é uma tarefa difícil. Também é difícil encontrar uma escola que se disponibilize a participar da pesquisa de boa vontade, como foi o caso da escola escolhida, pois outras escolas não mostraram disponibilidade em participar.

O professor participante da pesquisa tem 41 anos, é formado em Licenciatura e Bacharelado em Teatro, possui 30 anos de experiência como artista de Teatro e 2 anos de experiência como docente da disciplina de Artes.

A gestora participante da pesquisa tem 53 anos, é formada em Licenciatura em Educação Física e possui 33 anos de experiência na docência.

Os alunos selecionados para a pesquisa são das duas turmas de 9º ano existentes na escola, e os mesmos já tiveram contato com o professor selecionado nos anos anteriores, portanto, são parte das turmas mais “experientes”. Os alunos de 9º ano foram escolhidos também porque a experiência adquirida nos quatro anos de ensino fundamental II pode levar a dados mais significativos para análise. As duas turmas de 9º anos participantes desta pesquisa totalizam em média 60 alunos cada. No total foram enviados 120 grupos de questionários aos alunos e seus responsáveis. Os materiais enviados para eles eram compostos por um questionário para o aluno responder e outro para o responsável responder. Os questionários válidos para a análise que retornaram totalizaram apenas 28 (14 preenchidos pelos estudantes e outros 14 por seus respectivos responsáveis).

Os alunos e pais participantes desta pesquisa são de classe média baixa, de acordo com que apontam as informações obtidas no questionário. Seguem os dados dos alunos participantes da pesquisa:

| NOME FICTÍCIO | IDADE | SEXO | Mora com quantas pessoas |
|----------------------|--------------|-------------|---------------------------------|
| Anny | 14 | Feminino | 9 |
| Daniel | 14 | Masculino | 3 |
| Dthay | 14 | Feminino | 4 |
| Jackeline | 14 | Feminino | 5 |
| Kira | 14 | Masculino | 4 |
| Lucky | 14 | Masculino | 6 |
| Marcelo | 14 | Masculino | 4 |
| Isabel | 15 | Feminino | 5 |
| Pedro | 14 | Masculino | 4 |
| Rambo | 14 | Masculino | 4 |
| Ruan | 13 | Masculino | 5 |
| Sophia | 13 | Feminino | 4 |
| Sun Jung | 14 | Feminino | 4 |
| Thiago | 13 | Masculino | 3 |

A seguir os dados dos responsáveis pelos alunos, que também participaram da pesquisa:

| RESPONSÁVEL POR | IDADE | SEXO | RENDA FAMILIAR | ESCOLARIDADE | OCUPAÇÃO |
|-----------------|-------|-----------|----------------|---------------|-----------------|
| Anny | 32 | Feminino | 1,200 | Ens. Médio | ** |
| Daniel | 39 | Feminino | 500 | 3º série | Doméstica |
| Dthay | 54 | Masculino | 1,600 | Ens. Médio | ** |
| Jackeline | 47 | Masculino | 1,200 | 6º série | Autônomo |
| Kira | 29 | Feminino | 800 | Ens. Médio | Aux. Limpeza |
| Lucky | 28 | Masculino | 2,000 | Ens. Superior | Tec. Edificação |
| Marcelo | 57 | Masculino | 1,600 | Ens. Superior | Professor |
| Isabel | 43 | Feminino | 2,000 | Ens. Superior | Tec. Logística |
| Pedro | ** | Feminino | 500 | Ens. Médio | Doméstica |
| Rambo | 48 | Feminino | 1,200 | Ens. Médio | Func. Pública |
| Ruan | 42 | Feminino | 2,000 | Ens. Superior | Professora |
| Sophia | 28 | Feminino | 1,200 | Ens. Médio | Administrativo |
| Sun Jung | 55 | Feminino | 1,200 | Ens. Médio | ** |
| Thiago | 57 | Feminino | 2,000 | ** | Doméstica |

Todos os participantes preencheram e assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido. O termo de consentimento livre e esclarecido informava sobre a pesquisa e solicita autorização dos participantes e responsáveis para utilização de suas respostas escritas na presente monografia.

Ao todo, foram analisados trinta questionários, sendo preenchidos por 1 professor, 1 gestor, 14 alunos e 14 responsáveis.

4.2 Instrumentos

Para analisar o que pensam os participantes desta pesquisa se faz necessário um instrumento que ajude a coletar e organizar as informações dadas. Desse modo escolhi um instrumento chamado *survey* que, de acordo com Freitas (2000), é uma espécie de questionário que colhe informações acerca das opiniões de determinado grupo e que tem como objetivo responder questões do tipo: o quê? Por quê? Como? E quanto? Uma

característica interessante do *survey* é que a identificação dos participantes tem sigilo garantido neste tipo de instrumento de pesquisa. Sendo assim, o gestor, o professor e os alunos participantes serão identificados por nomes fictícios, escolhidos por eles na hora que responderam o questionário, e os pais serão identificados como pai/mãe do “aluno x”.

O *survey* foi apresentado aos participantes com apenas duas perguntas dissertativas. As mesmas perguntas foram feitas a todos os participantes. As perguntas são:

1. Você acha que o ensino de Teatro na escola é importante?
2. Por quê?

Além das duas perguntas formuladas, foram colhidas informações adicionais sobre o gestor (nome fictício, idade, formação, experiência com docência), o professor (nome fictício, idade, formação, experiência com docência e experiência artística), os alunos (sexo, idade e escolha do nome fictício) e sobre os pais e responsáveis (idade, sexo, profissão, renda familiar e escolaridade).

4.3 Método de análise

Esta é uma pesquisa com abordagem qualitativa, o que significa que o foco da mesma são as respostas dadas pelos participantes e o que elas significam, e o objetivo é conhecer a opinião destes indivíduos sobre o ensino de Teatro. De acordo com Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa qualitativa se caracteriza por analisar dado conteúdo de forma intuitiva e enfatizar o subjetivo como meio de compreender e interpretar os dados pesquisados, sem tentar controlar o contexto da pesquisa.

A análise dessa pesquisa, contudo, também será realizada de modo quantitativo, por meio do cálculo de médias simples, que tem como objetivo organizar numericamente os dados obtidos no questionário que foi apresentado aos participantes.

Em síntese, os dados desta pesquisa foram analisados de forma quantitativa com objetivo de organizar os dados coletados, e de forma qualitativa com objetivo de entender os posicionamentos sobre a importância do ensino de Teatro de seus participantes e refletir sobre suas opiniões.

Para a análise qualitativa foi utilizado o método de análise de conteúdos com objetivo de categorizar os dados obtidos, depois comparar as respostas entre os participantes e por fim refletir sobre os resultados. De acordo com Marconi e Lakatos (2002), análise de conteúdos é uma técnica usada para descrever objetivamente os conteúdos das comunicações. O conteúdo

é analisado sistematicamente por meios definidos anteriormente, que são seguidos rigorosamente e por vezes levam a resultados quantitativos para mostrar um comparativo das análises apresentadas. É um estudo voltado para as ideias e para descrever e comparar atitudes, condutas e comunicações.

Como já descrito anteriormente, o objetivo deste trabalho é refletir sobre a importância do ensino de Teatro na educação formal analisando o discurso de um gestor, um professor, seus alunos e pais, comparando os discursos entre si a fim de verificar se houve consonância ou dissonância. Para isso foram levantadas algumas hipóteses que guiam a análise de conteúdos e que são: a importância do ensino de Teatro atribuída pelo gestor vai ser mais voltada ao contextualismo, partindo do pressuposto que profissionais não formados na área tendem a distorcer os objetivos do ensino de Arte; acredita-se que o professor atribuirá uma importância mais voltada ao essencialismo, partindo-se do pressuposto que este professor tem formação específica e que num curso superior são dados diversos subsídios para que o profissional procure sempre afirmar a importância do ensino de Teatro; essas visões irão reverberar nos alunos causando certa confusão e, nessa confusão, acredito que para muitos alunos a importância do ensino de Teatro nem chegará a ser reconhecida. Por fim, temos os pais, sujeitos que em sua maioria já passaram pela escola há algum tempo – e outros nem essa oportunidade tiveram. Acredito que os pais irão atribuir importância ao ensino de Teatro de forma contextualista, pois há uma ideia muito fortemente disseminada na sociedade brasileira sobre o ensino de Artes/Teatro que utiliza as Artes como ferramenta para outras disciplinas, para deixar seus filhos mais desinibidos, para tirar foto daquela “pecinha” na escola para guardar de recordação, como terapia e etc. E com eles imagino que não seria diferente.

O primeiro passo da análise depois de coletados os dados foi verificar se as informações obtidas corresponderam às hipóteses levantadas, assim como a interpretação de informações que não foram cogitadas no primeiro momento. Em sequência pretendeu-se dividir os dados coletados em categorias que estão vinculados aos participantes que não veem importância no ensino de Teatro (nesse caso tentando descobrir o porquê que eles pensam de tal forma); e os participantes que veem importância no ensino de Teatro, a partir daí procurando os motivos que os levam a isso. Esse trabalho foi feito sempre comparando as informações coletadas com o referencial teórico e comparando as respostas dos participantes entre si. Por último, foi feita a reflexão acerca dos resultados obtidos.

5. RESULTADOS E ANÁLISE

Como dito antes, dos 120 questionários oferecidos, obteve-se resposta de 30 deles sendo os participantes 1 professor, 1 gestor, 14 alunos e 14 pais. Estas respostas são apresentadas a seguir e foram comentadas com base no referencial teórico apresentado nos capítulos anteriores. Para isso, dividiram-se em duas categorias de análise estas respostas, e elas são: a negação da importância do ensino de Teatro e o reconhecimento da importância do ensino de Teatro. As categorias foram criadas de acordo com o que surgiu a partir das respostas dos participantes. Estas duas categorias possuem subcategorias, nas quais os participantes foram incluídos quando suas respostas condiziam com a mesma. Um mesmo participante pode ser incluído em várias categorias, desde que sua resposta esteja de acordo com o tema. Por exemplo, há categorias em que só são apresentadas respostas de um pai e um aluno, pois os demais não responderam de acordo com tal categoria.

Apresentadas as categorias e suas subcategorias, que foram comentadas com base nos autores estudados, foram desenhados três gráficos que mostram um comparativo entre o pensamento dos membros desse pequeno grupo de pesquisados. Lembramos que a ideia não é generalizar este resultado a todos os estudantes de Teatro, pais, gestores e professores, pois os dados deste trabalho são fruto da realidade de um grupo específico e de suas particularidades.

5.1. NEGAÇÃO DA IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE TEATRO

Nesta categoria tivemos inseridos apenas dois alunos que justificaram porque o ensino de Teatro não é importante. Na verdade, eles mais advertem sobre possíveis pontos negativos do ensino de Teatro do que negam de fato a importância dessa linguagem. Outro dado curioso é que esses 2 alunos também reconheceram a importância do ensino de Teatro em um momento de sua resposta. As respostas desses alunos são detalhadas a seguir no que diz respeito à negação da importância.

5.1.1. O Teatro prejudica outras disciplinas

A aluna Sun Jung, de 14 anos, alertou que existem alunos que focam demais no Teatro e acabam esquecendo as outras disciplinas. Para ela é importante haver equilíbrio entre as disciplinas, e quando o estudante não perde seu foco, o ensino de Teatro na escola é uma ideia importante.

Existe aqui na fala dessa aluna a ideia implícita de que o Teatro é uma disciplina que pode “distrair” o aluno. Essa ideia é compartilhada pelos professores que usam as artes para que os estudantes tenham, por exemplo, um momento de relaxamento e descontração na escola, como se a disciplina de Arte fosse uma terapia para o aluno aliviar as tensões que surgem nas disciplinas de “verdade”. Partindo desse pressuposto, essa aluna tem uma crença contextualista. Para essa corrente, segundo Barbosa (1985), a criança é o foco do “ensino”, tudo é pensado com o objetivo de sanar problemas psicológicos ou sociais desses alunos. O debate sobre o contextualismo nos leva ao alerta sobre os perigos dessa abordagem, pois o ensino de Arte/Teatro sem objetivo claro pode acarretar no uso do mesmo como ferramenta, e fazer entender que a Arte é substituível a qualquer momento por qualquer outra ferramenta que cumpra o propósito de distrair o aluno. Podemos ver na resposta dessa aluna que a falta de esclarecimento sobre a relevância do ensino de Teatro faz com que ela ignore sua importância.

5.1.2. Teatro não é profissão

O Daniel, de 14 anos, relata que há coisas importantes na Arte, mas também existem coisas desnecessárias, como, por exemplo, o desenho e pinturas. Ao invés de ocupar seu tempo com isso, ele poderia estar estudando disciplinas que servirão para um futuro emprego.

Vemos na resposta desse aluno uma ideia que é própria do senso comum sobre Arte não como profissão, ou até mesmo como algo que não serve para construir conhecimentos para outra profissão. Realmente, segundo Bourriaud (2011), é comum que as pessoas não entendam o ofício da Arte, que por sinal não é algo simplório, é complexo. Isso se dá a partir de vários fatores, como por exemplo, o fato da Arte ser banalizada em vários momentos da história, em outros momentos por ser reclusa apenas para os nobres, e também por conta das revoluções que obrigaram as pessoas a pensarem mais em poder, deixando de lado os conhecimentos ditos como “não importantes”. Para uma possível resolução deste caso, temos Telles (2012) que enfatiza a importância de ter planejamentos claros e objetivos no ensino de Teatro, justamente para que não se construa conceitos errôneos desse tipo, de que o Teatro é dispersor do foco do conhecimento. O teatro pode sim ser levado a sério como profissão, ou como construção de conhecimento para outras profissões, segundo esse autor.

5.2. RECONHECIMENTO DA IMPORTÂNCIA DO ENSINO DE TEATRO

A maioria dos participantes reconheceu a importância do ensino de Teatro, porém, de diversas formas possíveis, com diversos argumentos, que serão expostos a seguir.

5.2.1. Aprendizagem de conteúdos específicos de Teatro

Segundo os alunos

Thiago, de 13 anos, defende que o ensino de Teatro permite que se aprenda a construir personagens e esta não é tarefa fácil, por isso, o professor é um importante mediador que propicia que os alunos vivenciem tanto a prática de construir um personagem, quanto as demais práticas do Teatro, tais como jogos, trabalho de corpo, construção de cenário e etc.

Percebe-se no discurso do Thiago que vivenciar a encenação na aula de Teatro é uma atividade difícil e prazerosa ao mesmo tempo. Isso pode se dar pelo fato de que o mesmo está construindo conhecimentos, uma vez que o processo de aprendizagem é doloroso e prazeroso ao mesmo tempo. Esse discurso nos remete ao conceito de aprendizagem de Duarte Junior (2012), que explica que o ser humano aprende para se relacionar com o mundo e, diferente do animal, o ser humano se relaciona com seu entorno de forma indireta, criando ferramentas e símbolos.

Sun Jung, de 14 anos, demonstra ver importância no Teatro, uma vez que diz que com o ensino de Teatro aprendemos a construir um personagem e aprofundamos nossos conhecimentos sobre peças e espetáculos existentes.

Sun Jung oferece uma resposta parecida com a de Thiago Lima e, nesse discurso, tem princípio essencialista, uma vez que para ela a aula de Teatro serve para aprender sobre Teatro. De acordo com esse pensamento temos Lanier (2013), que é essencialista e afirma que a Arte deve ser ensinada nas escolas para instigar o processo de conhecimento do aluno sobre a Arte.

Ruan, de 13 anos, cita os jogos do Teatro do Oprimido (jornal, fórum e arco-íris), e diz que através desses jogos o aluno consegue construir personagens.

Neste discurso temos outro exemplo claro de Teatro como área do conhecimento, já que o aluno aponta a importância da aula se baseando nos conteúdos e competências de Teatro, e

não em outras consequências que podem resultar das aulas em questão, como por exemplo, tirar a timidez.

Segundo os pais

O pai da Dthay afirma que o ensino de Teatro é importante porque as crianças precisam aprender Arte.

Esse pai possui somente ensino médio e não identificou sua ocupação, ele é o único dentre os participantes que apresenta uma visão essencialista, defendendo que os alunos precisam aprender Arte sem oferecer argumentos “extra-artísticos”. A resposta desse pai dialoga com outro autor que pensa o ensino de Teatro de maneira mais essencialista, Araújo (2005), que diz que o Teatro deve ser ofertado na educação básica, pois é patrimônio humano produzido nas diversas classes e culturas, gerando trocas de experiência e conhecimento e, por consequência, possui seus códigos, conceitos e técnicas e estas precisam ser conhecidas/estudadas.

Segundo o professor

Para o professor, o ensino de Teatro é importante, pois os alunos aprendem a decifrar códigos que permeiam a encenação, a dramaturgia, a criação e a fruição.

Temos nesta resposta dois pontos, a ação, que é a decifração de códigos, e os conteúdos, que são a dramaturgia, a encenação e etc. Duarte Jr. (2012) aborda como ocorre o processo de decifração de códigos e afirma que o objetivo do ensino da Arte deve ser o desenvolvimento do conhecimento estético que provém quando se exercita a decifração. No comentário anterior foi evidenciada, de acordo com Araújo (2005), a importância do ensino de Teatro, logo, subentende-se que seus conteúdos são a base para cumprir com o propósito de ensinar Teatro verdadeiramente. Para enfatizar, Araújo (2005) afirma que o Teatro é um complexo artístico comunicativo e que não se caracteriza por uma ação somente, já que articula diversos conteúdos, ou diversas áreas do conhecimento que são a dramaturgia, a encenação, o figurino e etc.

Segundo o gestor

A gestora Alice acredita que o ensino de Teatro deve ser ofertado na escola para que as crianças aprendam a valorizar a Arte e o profissional de Artes.

Acredito que umas das questões que implicam em dar importância ao ensino de Teatro é, além de reconhecer que este possui seus conteúdos específicos que precisam ser aprendidos no âmbito escolar, também reconhecer a Arte e o Teatro como áreas do conhecimento, de modo que o aluno aprenda a valorizar o profissional de Arte que, infelizmente e partindo de opinião pessoal, ainda é bastante marginalizado. O pensamento da gestora parece se aproximar bastante da ideia de Desgranges (2003) que diz que para que existam apreciadores (pessoas que valorizam e se relacionam com a Arte/Teatro), é preciso haver formação de apreciadores. É preciso que os alunos tomem consciência da importância do ensino de Arte e de Teatro para valorizar em o artista e a Arte.

5.2.2. Teatro como forma de conhecer a si mesmo e o mundo

Segundo os alunos

O Marcelo, de 14 anos, relata que quando ele tem a oportunidade de debater assuntos acerca de uma peça, tudo que permeia o enredo, ele tem seu pensamento estimulado a questionar o “porquê” das coisas.

Thiago, de 13 anos, diz que para ele o mais interessante da aula de Teatro são os debates que tratem de assuntos do dia-a-dia, e completa dizendo que depois, com as informações obtidas, podem-se criar cenas teatrais.

Para o Ruan, de 13 anos, os debates na aula de Teatro aprofundam o conhecimento e permitem que possam ser passados à frente pensamentos melhor formulados.

Os três alunos descritos acima possuem uma ideia em comum, a ideia do debate. De fato o debate é um exercício que surge com bastante frequência nas aulas de Teatro. Mesmo com exercícios, jogos, que às vezes não possuem o propósito de produzir um espetáculo, é comum debater sobre as circunstâncias proposta para o jogo cênico, ou compartilhar e trocar experiências para que dado conteúdo ou exercício seja enriquecido com esse tipo de troca. Para contribuir para esta questão temos Vianna e Strazzacappa (2012) e Perissé (2014), que afirmam que o ensino de Arte/Teatro é a arte do encontro, da construção em coletivo, da partilha de experiências e pontos de vista diversos e quando todos estão engajados, o aprendizado em Arte/Teatro acontece.

Para a Sophia, de 13 anos, o ensino de Teatro é importante para o desenvolvimento dos alunos e desperta conhecimentos sobre a vida e sobre si mesma.

Para a Dthay, de 14 anos, o ensino de Teatro colabora para que ela possa atuar efetivamente no mundo, opinando, criticando e sugerindo também.

Para Sophia e Dthay, o Teatro possibilita a atuação do aluno no mundo e faz desenvolver conhecimentos sobre si mesmo e sobre o mundo. Para essa questão contribui Desgranges (2003) que afirma que o Teatro tem a capacidade de despertar no aluno um olhar crítico para seu espaço de convívio, onde o aluno pode criticar o passado, fazer uma espécie de revisão do presente e pensar resoluções para um possível futuro.

O Rambo, de 14 anos, fez uma breve introdução à história da humanidade e afirmou que o ensino de Teatro é importante para a sua geração e para as gerações futuras.

Já para o Kira, de 14 anos, a aula de Teatro é importante porque através dela se pode aprender sobre novas culturas e histórias.

Os pensamentos de Rambo e Kira dialogam com Porcher (1982), que afirma que o professor de Teatro/Arte tem também a função de ser um contador de histórias e culturas passadas, que propicia aos alunos conhecer outras realidades. Esse processo faz os alunos conhecerem outras culturas diferentes da sua e aprenderem sobre as diferenças, para que possam se afirmar enquanto grupo, enquanto pessoa, e possam aprender a apreciar outras formas de Arte. Esse debate dialoga também com Desgranges (2003), quando este diz que o Teatro/Arte acompanha a evolução da humanidade e sempre existiu no mundo, sendo que por esse motivo já seria suficiente para que ele fosse ofertado na educação básica.

Segundo os pais

A mãe do Pedro acredita que o ensino de Teatro pode ensinar muitas coisas sobre a própria cultura e sobre outras também.

E o pai da Jaqueline também defende que o ensino de Teatro faz os alunos reverem culturas antigas e as próprias.

Esses pais veem no Teatro uma maneira de os filhos aprenderem sobre várias culturas, mas, para além disso, esses alunos também podem se referenciar no mundo, se identificar com determinado modo de vida, podem aprender a questionar comportamentos do seu grupo de convívio, sugerir mudanças, conhecer a diversidade do mundo e desconstruir verdades absolutas que muitas vezes são impostas por grupos sociais. Para essa questão temos Porcher (1982) que afirma que a Arte é produto de origens culturais, e Duarte Jr. (2012) que diz é

preciso levar em consideração o contexto cultural em que a escola está inserida, pois quando o mesmo é ignorado, os alunos passam a não se identificar com a Arte e acabam produzindo por produzir. Com isso, podemos dizer que o Teatro pode ser pautado sobre a construção de conhecimento a partir do histórico cultural de cada espaço, dando espaço para o aluno pensar e criar processos a partir de sua realidade, que se aproximem de sua realidade, sem deixar de lado os conteúdos de Teatro.

Para a mãe do Ruan, o ensino de Teatro faz pensar e olhar o mundo com outro olhar.

Para Desgranges (2003) e Duarte Junior (2012), a Arte, assim como o Teatro, pode provocar no ser humano a sensibilidade de enxergar o mundo com novo olhar, faz questionar o porquê de certos funcionamentos e criticar práticas que julgar erradas, faz querer mobilizar ações de transformações, no meio de convívio e em si próprio, faz criar processos artísticos que façam os outros se sensibilizarem também pela causa apresentada.

Segundo o professor

O professor defende que o ensino de Teatro permite que os alunos compreendam a realidade a partir de um ângulo mais dilatado e ampliem sua capacidade de leitura do mundo e de si mesmos.

Para contribuir com a fala do professor temos, além dos autores citados acima, Perissé (2014) que afirma que a Arte sensibiliza o indivíduo a ampliar a sua visão de mundo. Ele diz que a Arte estimula o ser humano a ser mais poético nessa visão da realidade, e que a ciência não possui tal competência de transfigurar a realidade do mesmo modo que a Arte possibilita.

5.2.3. Teatro como apoio de socialização e desenvolvimento pessoal

As defesas sobre a importância do ensino de Teatro expostas a seguir partem dos pressupostos contextualistas, segundo os quais o Teatro é utilizado como ferramenta para outros objetivos; e escolanovista, para qual o foco do ensino é o aluno e não o conteúdo. Contudo, nos dias de hoje o ensino de Teatro, ainda não firmado como disciplina da educação básica, sofre vários preconceitos e distorções sobre sua importância e enfrenta certa resistência quando se trata dessas duas vertentes (contextualismo e escolanovismo) Eu mesma iniciei essa pesquisa com essa resistência, porém, hoje defendo que o contextualismo e o foco no aluno em dados momentos não são práticas extremamente negativas para o ensino de Teatro, e isso vai depender da forma como será utilizado. Vejo essas questões do foco no

aluno e no desenvolvimento pessoal não como função do ensino de Teatro, mas como consequência do mesmo. Mas, o momento histórico ainda é delicado e acredito que é preciso, sim, afirmar que o teatro é uma área do conhecimento que possui seus conteúdos extremamente relevantes para a sociedade e que, por esse motivo, é importante que seja ofertado na educação formal.

Segundo os alunos

O Ruan, de 13 anos, diz que as aulas práticas de Teatro permitem o entrosamento com os colegas.

Para Pedro, de 14 anos, a aula de Teatro ajuda no desenvolvimento do aluno, pois pode trabalhar a questão da timidez e também a socialização.

E para Isabel, de 15 anos, o Teatro é uma forma de ajudar as pessoas a se soltarem mais e a interagirem com outras pessoas.

Ruan, Pedro e Isabel ressaltam a interação entre os alunos como fator importante da aula de Teatro. O que acontece é que as aulas Teatrais sugerem, na maioria das vezes, trabalhos coletivos/colaborativos, e podemos deduzir que talvez as outras disciplinas não ofereçam essa possibilidade de troca mais evidenciada. Para Almeida (2012), a Arte desenvolve a personalidade, talvez pelo fato de ser uma atividade que proporcione o exercício do conhecimento de si mesmo. Quando o aluno confronta seus princípios com os do outro colega ele constrói conhecimentos sobre o meio em que vive e sobre si mesmo, e isso lhe permite ser mais confiante na sua relação com os outros.

Já Jackeline Peres, de 14 anos, diz que o Teatro trabalha o desapego e o individualismo, que ensina a expressar e cita o jogo do arco-íris como importante no contexto escolar, pois trabalha o psicológico e a expressividade do aluno.

O Lucky, de 14 anos, também defende que o Teatro pode trazer benefícios pessoais, pois ensina o aluno a se expressar melhor.

E o Marcelo, de 14 anos, cita que para ele o Teatro é como uma forma de terapia, pois tem a liberdade de se expressar e a possibilidade de experimentar/fingir ser outras pessoas.

Neste sentido, para os três o aspecto mais importante do ensino de Teatro é o aluno poder expressar-se, ter a liberdade de dizer o que pensa, de criar cenas de situações ou

princípios que ele defenda ou queira criticar. Segundo Vianna e Strazzacappa (2012) a aula de Teatro pode, sim, ser pautada em aprendizado de vivência em grupo, ou seja, com o coletivo se expressando e experimentando formas de criação teatral. Porém, isso deve ocorrer com cuidado para não virar aula-terapia.

Segundo o gestor

A gestora diz que o ensino de Teatro é importante na escola porque o teatro é uma forma de realização pessoal, já que o aluno pode dar vida a várias outras vidas (personagens).

A gestora cita o ensino de Teatro como forma de autoconhecimento e auto realização e, de fato, Perissé (2014) afirma que o envolvimento com o Teatro gera consequências em quem faz e em quem assiste, e a relação entre ator e plateia pode gerar uma realização pessoal, por meio da qual o indivíduo aprende sobre si mesmo e sobre a vida.

Segundo os pais

A mãe do Rambo diz que a aula Teatro serve para incentivar a capacidade do aluno, para fazer interagir em atividades, para que o aluno tenha mais ânimo, mais determinação e mais comunicação.

Para a mãe da Sun Jung o Teatro na escola pode colaborar para as crianças terem melhor relacionamento com os colegas, no meio onde residem, e a serem mais participativos nas atividades em sala de aula.

E para o pai do Lucky o Teatro ajuda as crianças a serem mais comunicativas.

Esses três pais atribuem como aspectos importantes do ensino de Teatro o ânimo, que seria a defesa de que a aula de Teatro deixa o aluno mais disposto. A questão da comunicação, que talvez nesse contexto esteja relacionada à timidez, está ligada a uma ideia muito propagada ainda de que o Teatro faz com que o indivíduo deixe de ser tímido e também promove o bom relacionamento entre os colegas. Acredito que um profissional da área de psicologia, que tenha como objetivo trabalhar esses aspectos apresentados (ânimo, timidez e relação interpessoal), pode utilizar o Teatro para obter essas conquistas, tendo um resultado satisfatório. Por outro lado, não vejo como sendo próprio da área de educação e do professor querer sanar “problemas psicológicos” que estão fora de sua competência. O que quero dizer é que, enquanto professora de Teatro, eu não posso querer “tratar psicologicamente” meu aluno, pois não tenho formação para tal atividade.

Para a mãe do Pedro o Teatro é importante, pois, trabalha a consciência, o convívio social, a fala e o contexto familiar.

Para ela o ensino de Teatro exerce uma função de conscientizadora do bom convívio social e familiar. É bem peculiar esta defesa, pois ela se distancia das falas que veem o fazer teatral como perda de tempo, ou mera ocupação que não “dá futuro”. Para esta mãe o Teatro une as pessoas.

A mãe do Thiago diz que o Teatro serve para ocupar a mente das crianças.

Vejo na fala desta mãe um discurso bastante parecido com o da minha mãe quando me permitiu fazer Teatro na adolescência. Ela via essa prática como uma ocupação que me mantinha longe das ruas, dos perigos e violências que eram presentes na minha realidade. Esta mãe diz que o Teatro é importante, mas não tão importante assim, pois ela utiliza o Teatro como ferramenta para ocupar os alunos.

O pai da Jackeline relata que o Teatro serve para abrir a mente dos jovens de hoje.

Este pai atribui ao Teatro a função de “abrir” a mente dos jovens, e para fundamentar isso temos Telles (2013) que afirma que o Teatro amplia o conhecimento do aluno. Aqui utilizo esse termo “abrir” no sentido de ampliação, de desenvolver conhecimento sobre o meio em que se vive, sobre si mesmo, sobre abrir os olhos para a realidade que nos rodeia e, a partir desse novo olhar, poder criticar, sugerir e agir para modifica-lo.

5.2.4. Teatro como apoio para o desenvolvimento cognitivo

Segundo os alunos

Dthay, de 14 anos, afirma que o Teatro tem uma importância fundamental na escola, pois colabora muito para que os alunos desenvolvam alguns aspectos, como, por exemplo, criatividade, memorização e o vocabulário.

Quando um aluno faz aulas de Teatro prático (exercício, jogos, etc.) ele exercita também alguns processos cognitivos, como, por exemplo, a imitação, que é “fingir” ser outra pessoa; a memorização, quando trabalha com texto o teatral – e existem vários mecanismos para memorização de textos; a criatividade, quando o processo exige que o aluno crie formas corporais, formas de falar, de se apresentar, de sair do comum; o aluno exercita o vocabulário, pois tem a possibilidade aprender palavras novas toda vez que trabalha em um novo processo;

e a repetição, que é comum da prática teatral para “afinar” o processo. E também há o exercício meta-cognitivo, naqueles processos que provocam debates, quando o aluno pensa sobre como ele próprio está pensando ou aprendendo, quando o aluno raciocina/analisa o seu próprio processo de aprendizagem.

Segundo os pais

Para a mãe da Anny, a aula de Teatro é importante porque no processo de conhecimento da Arte são envolvidos, além da inteligência e do raciocínio, o afetivo e o emocional, que geralmente estão fora do currículo escolar.

De acordo com Almeida (2012) a Arte faz desenvolver não só o intelecto, mas também a autonomia e a personalidade. Além disso, Duarte Junior (2012) afirma que a Arte serve para desenvolver pensamento subjetivo que está ligado ao sentimento, da mesma forma que desenvolvemos o pensamento racional lógico, porque o indivíduo é feito dos dois tipos de pensamentos, logo, é importante que haja equilíbrio. Para reforçar essa ideia temos Langer (*apud* BARBOSA, 1985) que fala do pensamento presentacional, que é o pensamento subjetivo. É através desse tipo de pensamento que fazemos as interpretações e criamos. Ela afirma que este tipo de pensamento é pouco oferecido nas escolas. Partindo do pressuposto que o sentimento é produto de atividades cerebrais, logo o entendo como um processo cognitivo a ser desenvolvido, posso concluir a partir dos autores descritos acima que a Arte assim como o Teatro propiciam o exercício dos sentimentos.

Para a mãe da Sun Jung o Teatro é fundamental na escola, pois também colabora para as crianças terem oportunidade de desenvolver alguns aspectos como criatividade, coordenação, vocabulário, e memorização de conteúdos. Esta mãe citou também, como aspecto, a coordenação motora que pode ser desenvolvida através de exercícios práticos teatrais.

5.2.5. Teatro como entretenimento

Segundo os pais

A mãe do Thiago diz que o Teatro é importante na escola porque, por mais simples que seja, as pessoas conseguem esquecer por alguns instantes a rotina do dia-a-dia, já que existem apresentações que fazem o público dar boas risadas.

Que o Teatro é também entretenimento, isso não podemos negar, porém a maioria dos autores citados nesta pesquisa busca fazer com que o Teatro seja visto com outros olhos. A

ideia não é negar que o Teatro é entretenimento, mas sim afirma-lo também como área do conhecimento. A proposta é pensar para além dos momentos de apreciação, pois defende-se que o Teatro é fazer e apreciar, mas existe um universo no meio desse processo que possibilita aprendizados importantes para a vida. O teatro não surgiu do nada, surgiu devido à necessidade do ser humano de se expressar e de compartilhar, e esses aprendizados não podem ser reduzidos apenas a dar boas risadas.

5.2.6. Teatro como ferramenta para caça-talentos

Segundo os pais

A mãe do Ruan acredita que o Teatro é importante porque ajuda a encontrar novos artistas na escola.

Vê-se que essa mãe defende que o ensino de Teatro é importante, pois pode funcionar como uma espécie de caça-talentos. É provável que alguns alunos se destaquem como sendo artistas talentosos, que podem até escolher mais tarde serem artistas por ofício, mas é importante frisar que o ensino de Teatro na escola, assim como afirmam Vianna e Strazzacappa (2012), não tem como objetivo formar atores e sim possibilitar que os alunos aprendem sobre Teatro e seus conteúdos.

Segundo os alunos

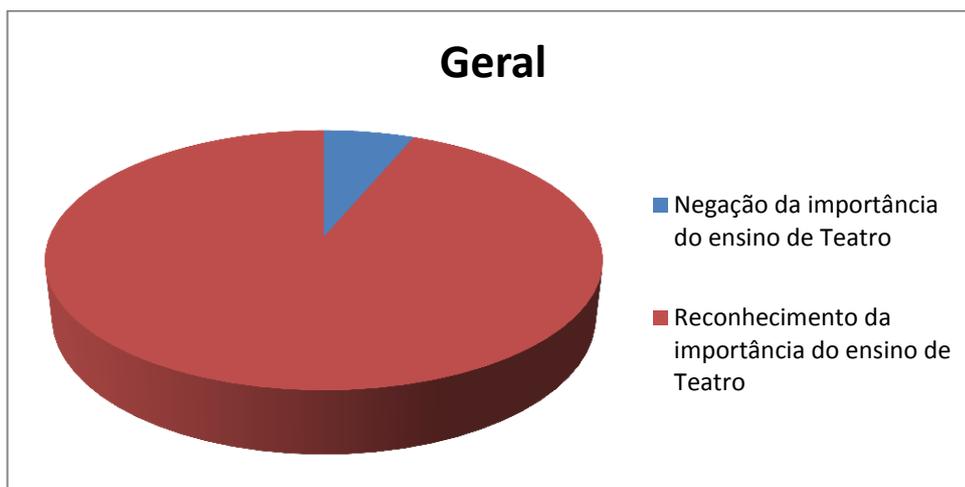
Anny, de 14 anos, diz que com a aula de Teatro o aluno pode descobrir os seus talentos.

Esta aluna defende a importância do Teatro fundamentada no seu poder para descobrir seus talentos, e de fato isso é bastante provável. A escola é lugar de descobertas e experimentação, ou pelo menos deveria ser. Na escola o aluno deveria passar por experiências que possibilitassem a ele entender sobre si próprio, sobre a sua realidade e sobre as possibilidades de nela coexistir.

5.3. ANÁLISE COMPARATIVA

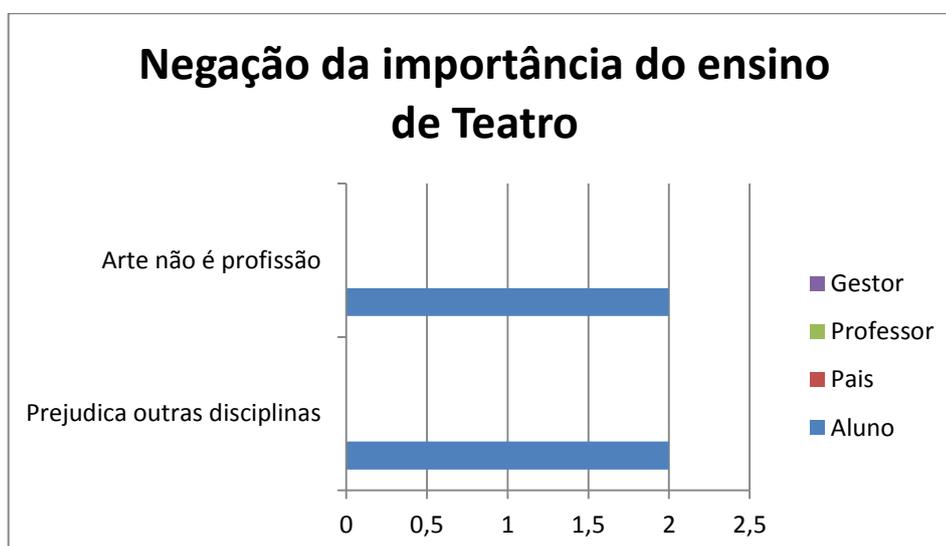
A seguir serão apresentados quatro gráficos que traçam o quantitativo da pesquisa em questão e a comparação dos perfis apresentados de cada categoria.

5.3.1 Geral



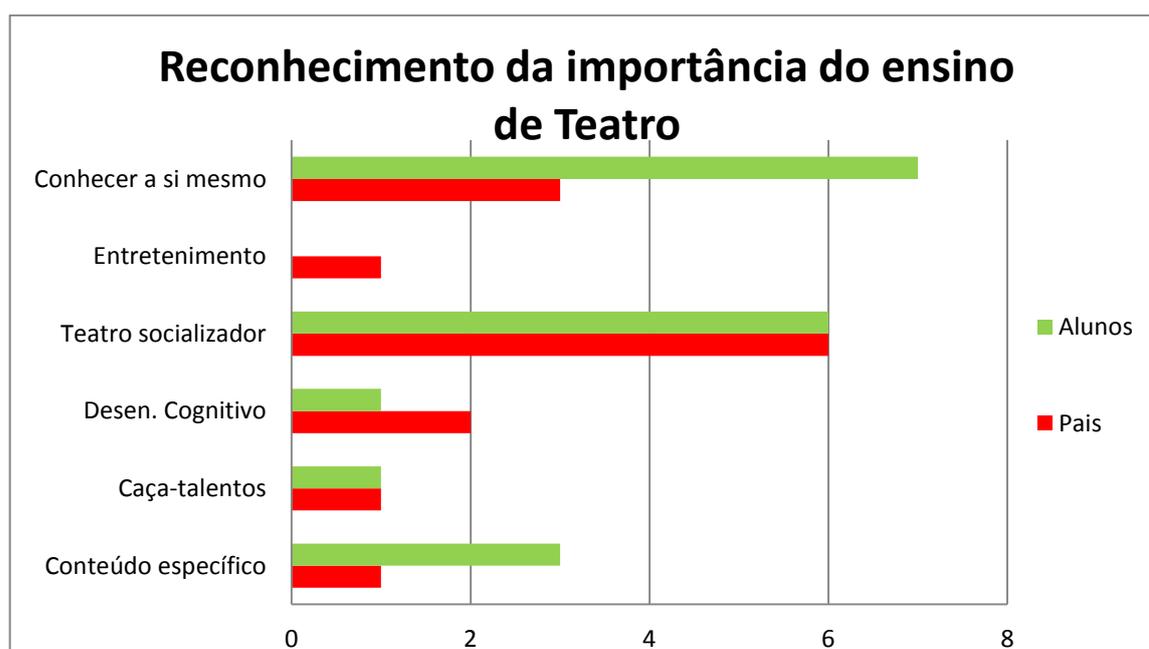
Os 30 participantes, como mostra o gráfico acima, reconheceram a importância do ensino de Teatro na escola, mas dois alunos também negaram sua importância, diferente de seus pais, professor e gestor. Logo, pode-se concluir que este grupo no geral reconhece a importância do ensino de Teatro dentro do contexto da escola pública em Manaus, o que gerou surpresa, pois acreditava que o quadro geral seria o oposto. Acreditava que a maioria negaria a importância, devido a minha própria experiência enquanto aluna, devido ao histórico bastante relatado em rodas de conversas sobre o estágio, em que os colegas afirmam que ainda existem muitos professores sem formação específica lecionando aula de Arte. Mas, a partir desta pesquisa podemos apontar que, com professores com competência devida, podemos começar a desenhar um novo olhar sobre o ensino de Teatro.

5.3.2 A negação da importância



Dos 30 participantes, apenas 2 alunos negaram a importância do ensino de Teatro, como dissemos. Estes alunos negaram a importância do ensino de Teatro a partir de dois aspectos, o primeiro é porque a aluna acredita que o Teatro pode fazer o aluno desfocar das outras disciplinas e o segundo nega a sua importância, pois acredita que no Teatro existem “coisas” desnecessárias e, no lugar de praticar essas atividades, ele pode usar esse tempo para estudar disciplinas que ajudem na escolha de uma futura profissão. No mais, esses alunos fizeram apontamentos de relevância que indicam que o ensino de Teatro ainda possui bastante desafios para se firmar como disciplina no âmbito escolar. Ter a negação desses alunos faz refletir sobre como se dá o processo de se ensinar Arte e Teatro nas escolas e como podemos pensar resoluções para tentar mobilizar ações para que esses alunos venham a enxergar a importância do ensino de Teatro.

5.3.3 O reconhecimento da importância segundo pais e alunos



Para a comparação entre o que disseram pais e alunos temos alguns apontamentos. Levando em consideração que estamos considerando 28 participantes (14 pais e 14 alunos), e que um mesmo participante pode se encaixar em várias categorias, temos então:

7 dos 14 alunos, reconheceram a importância do ensino de Teatro a partir do argumento de que o mesmo possibilita a visão de si mesmo e do mundo. Somente três dos 14 pais fizeram a mesma afirmação. Aqui podemos perceber que a maioria dos alunos não está de acordo com o que é vivenciado no âmbito familiar, pois essa defesa foi pouco utilizada pelos pais.

Já a categoria de Teatro como apoio à socialização e terapia teve o mesmo número de respostas para pais e alunos, com o total de 12 (6 pais e 6 alunos), dos vinte e oito participantes. Aqui percebemos que metade dos alunos participantes são influenciados pelo espaço familiar, uma vez que a maioria dos pais fez defesa a partir deste aspecto.

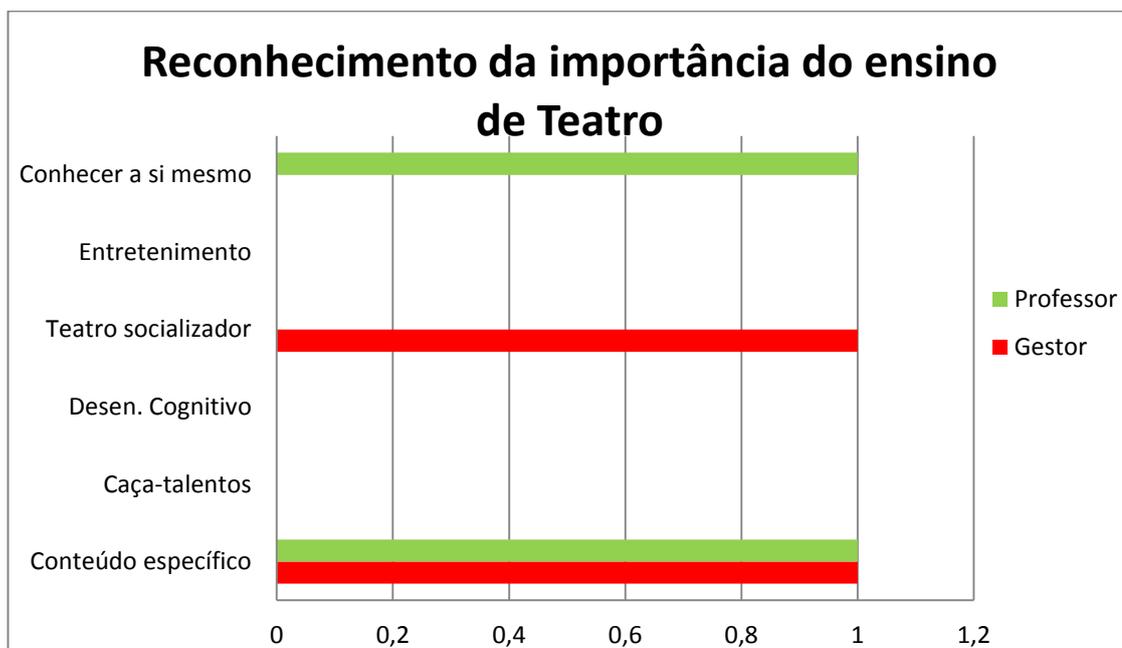
O mesmo aconteceu na defesa do Teatro enquanto mecanismo de caça-talentos, só que numa escala menor, com um total de duas respostas (um pai e um aluno), dos vinte e oito participantes.

Na defesa do ensino do Teatro enquanto forma de desenvolvimento cognitivo, os pais se sobressaíram na pesquisa, dando o total de dois pais e um aluno. Esse aspecto, assim como o anteriormente citado, foi pouco utilizado como defesa da importância do ensino de Teatro.

Na defesa do Teatro enquanto conhecimento específico obteve-se o total de respostas de três alunos e um pai. Somente um pai defendeu o Teatro enquanto entretenimento.

Então podemos concluir que a maioria dos alunos não está sendo influenciado a reconhecer a importância do teatro em âmbito familiar, pois, de modo geral, não existe muito consenso entre o que pais e filhos acreditam

5.3.4 O reconhecimento da importância segundo professor e gestor



Temos um professor e uma gestora participantes da pesquisa e, comparando suas respostas com as dos pais e alunos, temos as seguintes observações:

Tanto o professor quanto a gestora defendem o teatro como área do conhecimento e este fato reflete nos alunos, mas ainda não nos pais.

A gestora por outro lado defende o ensino de Teatro como apoio para socialização, somada aos doze participantes que também defenderam essa linguagem artística da mesma forma. Podemos apontar que este grupo, no geral, acredita que o ensino de Teatro é importante, pois ajuda a desenvolver questões dos alunos que envolvem a interação com outros, problemas de timidez e etc. Então temos a maioria desse grupo defendendo o ensino de Teatro a partir de uma visão generalizada, uma vez que temos um professor, formado especificamente na área que não defende o ensino da Arte a partir deste aspecto.

No entanto, temos um fato interessante, pois o professor defende o Teatro como forma de conhecer a si próprio e o mundo e boa parte dos alunos, no total de sete, também defende essa linguagem artística da mesma forma. Isso nos leva a refletir que aparentemente este professor possui autonomia dentro do espaço escolar, uma vez que ele e a gestora divergem nesse ponto, mas a defesa do professor reverbera nos seus alunos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi refletir sobre a importância do ensino de Teatro na educação formal analisando o discurso de um professor de Teatro, uma gestora, alunos e pais, comparando ainda os discursos entre si a fim de verificar se houve consonância ou dissonância. Esta se configurou como uma pesquisa descritiva, realizada através da análise de dados.

Estes dados foram colhidos através de um questionário que foi respondido pelos trinta participantes, sendo um professor, uma gestora, quatorze alunos e quatorze pais. Obtiveram-se resultados apontando que todos os participantes reconheceram a importância do ensino de Teatro e dois desses mesmos participantes negaram a sua importância.

Chegou-se a evidenciar que a maioria do grupo defende a importância do ensino de Teatro por uma via contextualista, cujo foco é voltado todo para o aluno e o Teatro é visto como apoio de socialização e terapia. Também, pode-se evidenciar que o professor possui certa autonomia nesse espaço escolar, uma vez que o mesmo diverge da gestora em alguns aspectos da defesa e, mesmo com essa divergência, metade dos alunos defende o ensino de Teatro com o mesmo argumento que o professor, que parte de um pressuposto que enxerga no Teatro uma forma de o ser humano construir conhecimentos sobre si mesmo e sobre o mundo.

Realizar esta pesquisa me fez lidar com algumas limitações, em um processo positivo, pois, aprendi a como agir enquanto pesquisadora e a manter o foco nos meus objetivos quando, tantas vezes, outros assuntos instigantes surgiam dos estudos feitos durante o processo. Nesse sentido acredito que desta pesquisa podem surgir questões diversas que elucidem a prática do ensino de Teatro em Manaus.

As minhas escolhas ao longo da pesquisa foram sempre pensando no sentido de conseguir realizar, pelo menos, o que tracei como objetivo, então fui deixando algumas questões - que a meu ver eram importantes - sem resposta nesta monografia. Entre as questões que a minha pesquisa não conseguiu abarcar temos, por exemplo, fazer uma análise mais aprofundada e talvez mais crítica dos dados coletados dos participantes, analisar mais e com apoio referencial a influência do professor na sala de aula e sua autonomia na escola e também a influência do ensino de Teatro nas famílias dos alunos.

Contudo, me sinto satisfeita com o resultado, no sentido que compreendo que aos poucos os espaços nas escolas públicas estão sendo conquistados pelo ensino de Teatro enquanto área do conhecimento e não somente como atividade recreativa, e compreendo que

este é um processo árduo que requer bastante dedicação, planejamento e subsídios para realização. Lidar com esta pesquisa me causou uma série de reações, consequências, aprendizados e reflexões até pessoais.

Para a realização desta pesquisa existiu uma vida acadêmica paralela à uma vida fora da academia e nesse percurso foi necessário muito força emocional para chegar até aqui. Digo isso porque foram seis anos de muita persistência, alguns momentos mais acomodados, outros mais engajados, o nascimento de um filho e toda mudança que este tipo de acontecimento nos proporciona. De fato eu adentrei a universidade de um jeito e nem de longe eu saio a mesma pessoa.

Mas, este último ano foi de muitos acontecimentos, momentos alegres como este, na escrita destas palavras, mais aliviada por ter concluído esta fase da minha vida, a graduação, e momentos de tristeza, como a perda de um amigo que me fez refletir de maneira significativa sobre o lugar onde vivo, a maneira que eu vivo, o que eu espero do futuro e o que eu faço para alcançar tudo que almejo, me fazendo lembrar que às vezes as nossas necessidades emocionais superam qualquer necessidade de se encaixar em padrões estabelecidos pelo meio em que vivemos.

Além de me construir enquanto uma Artista-Educadora, ao longo desse período também me construí como mãe, pesquisadora, aluna, amiga, filha, pois acredito que a partir do momento que dediquei-me a esse processo, outros âmbitos da minha vida caminharam juntos nessa mudança.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Célia Maria de Castro. Concepções e Práticas Artísticas na Escola. In: FERREIRA, Sueli (org.). **O ensino das Artes: Construindo caminhos**. 10º ed. – Campinas, SP: Papirus, 2012. p. 11 – 38.

ARAÚJO, José Sávio Oliveira. **A cena ensina: uma proposta pedagógica para formação de professores de teatro** - Natal, 2005.

BARBOSA, Ana Mae. Categorias funcionais: essencialismo e contextualismo. In: BARBOSA, Ana Mae. **Arte-educação: conflitos e acertos**. 2 ed. São Paulo: Max Limonad, 1985. p. 52-59.

BIASOLI, Carmen Lúcia Abadie. **A formação do professor de arte: Do ensaio... à encenação/** – Campinas, SP: Papirus, 1999.

BOURRIAUD, Nicolas. **Formas de vida: a arte moderna e a invenção de si/ tradução** Dorothee de Bruchard. – São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2011. – (Coleção Todas as Artes).

DESGRANGES, Flávio. **A Pedagogia do Espectador**. São Paulo, Hucitec, 2003.

DUARTE JUNIOR, João-Francisco. **Por que arte-educação?/** – 22 ed. – Campinas, SP. Papirus, 2012.

FREITAS; OLIVEIRA; SACCOL; MOSCAROLA. **O método de pesquisa Survey**. Revista de administração, São Paulo v.35, n.3, p.105 – 112, julho/ setembro 2000.

GERHARDT T. E.; SILVEIRA D. T. **Métodos de pesquisa /** (Org.) Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira: coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

LANIER, Vicent. Devolvendo Arte à Arte-Educação. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Arte-Educação: leitura no subsolo**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2013. p. 68-84.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS Eva Maia. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados/** – 5 ed. – São Paulo: Atlas, 2002.

PERISSÉ, Gabriel. **Estética & educação/** – 2 ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

PORCHER, Louis. **Educação artística: luxo ou necessidade? /** Louis Porcher, organizador; tradução de Yan Michalski; direção da coleção Fanny Abramovich. – São Paulo: Summus, 1982.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2 ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

PUPO, Maria Lúcia. **Teatro e educação formal/** Maria Lúcia Pupo. São Paulo: Fundação Athos Bulcão, 2010.

TELLES, Narciso. **Pedagogia do teatro:** Práticas contemporâneas na sala de aula/ Narciso Telles (org.) – Campinas, SP: Papyrus, 2013.

VIANNA, Tiche; STRAZZACAPPA, Márcia. **Teatro na educação:** Reinventando mundos. In: FERREIRA, Sueli (org.). O ensino das Artes: Construindo caminhos. 10º ed. – Campinas, SP: Papyrus, 2012. p. 115 – 138.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você e seu filho(a) estão sendo convidados como voluntários a participar de uma pesquisa intitulada *A importância do ensino de teatro segundo um gestor, um professor, alunos e pais*, realizada como “Trabalho de Conclusão de Curso - TCC” de Licenciatura em Teatro da UEA - Universidade do Estado do Amazonas, pela estudante Amanda Caroline Mota de Souza, sob orientação da Profa. Dra. Caroline Caregnato.

O objetivo dessa pesquisa é refletir sobre a importância do ensino de Teatro na educação formal analisando o discurso de um gestor, um professor, seus alunos e pais, e comparando os discursos entre si a fim de verificar se há consonância ou dissonância. Essa pesquisa irá ajudar a problematizar o tema da importância do ensino de Teatro, além de contribuir para a ampliação do referencial teórico que discute o assunto.

Os participantes dessa pesquisa responderão a um breve questionário acerca do que pensam sobre a importância do ensino de Teatro. Essa pesquisa não oferece riscos ao seu participante. Você será esclarecido(a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar e poderá contatar a pesquisadora responsável a qualquer momento pelo telefone (092) 9248-2251 e/ou e-mail amandamota192@gmail.com. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação neste trabalho a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar em qualquer penalidade.

Sua participação e de seu filho(a) no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira pela sua participação.

Os pesquisadores irão tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Seu nome não será liberado e você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. O material coletado e posteriormente analisado será transformado em monografia. Caso você queira, você poderá ter acesso a uma cópia do trabalho final (monografia), assim que estiver disponível.

Uma cópia deste consentimento informado será fornecida a você.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE

Eu, _____
_____, responsável pelo(a)
estudante, _____

_____ fui informada(o) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e negar minha participação no trabalho. A professora orientadora Dr^a Caroline Caregnato, e a estudante pesquisadora Amanda Caroline Mota de Souza certificaram-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais.

Declaro que eu e meu filho(a) concordamos em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Manaus, ____ de _____ de _____.

Assinatura do responsável



Data: 11/09/2017

Profª Drª Caroline Caregnato

Data: ____ / ____ / _____

Estudante-pesquisador

FICHA DO ALUNO

| |
|---|
| Nome fictício: |
| Data de nascimento: |
| Feminino () Masculino () |
| Quantas pessoas moram com você na sua casa? |

Questões:

1. Você acha que o ensino de Teatro na escola é importante?
2. Por quê?

FICHA DO PROFESSOR

| |
|----------------------------|
| Nome fictício: |
| Data de nascimento: |
| Feminino () Masculino () |
| Formação profissional: |
| Experiência com docência: |
| Experiência artística: |

Questões:

1. Você acha que o ensino de Teatro na escola é importante?
2. Por quê?

FICHA DO GESTOR

| |
|----------------------------|
| Nome fictício: |
| Data de nascimento: |
| Feminino () Masculino () |
| Formação profissional: |
| Experiência com docência: |

Questões:

1. Você acha que o ensino de Teatro na escola é importante?
2. Por quê?

FICHA DO RESPONSÁVEL

| |
|--|
| Data de nascimento: |
| Feminino () Masculino () |
| Profissão: |
| Escolaridade: |
| Renda familiar até: () R\$ 500 () R\$ 800 () R\$ 1.200 () R\$ 1.600 () Mais de R\$ 2.000 |

Questões:

1. Você acha que o ensino de Teatro na escola é importante?
2. Por quê?